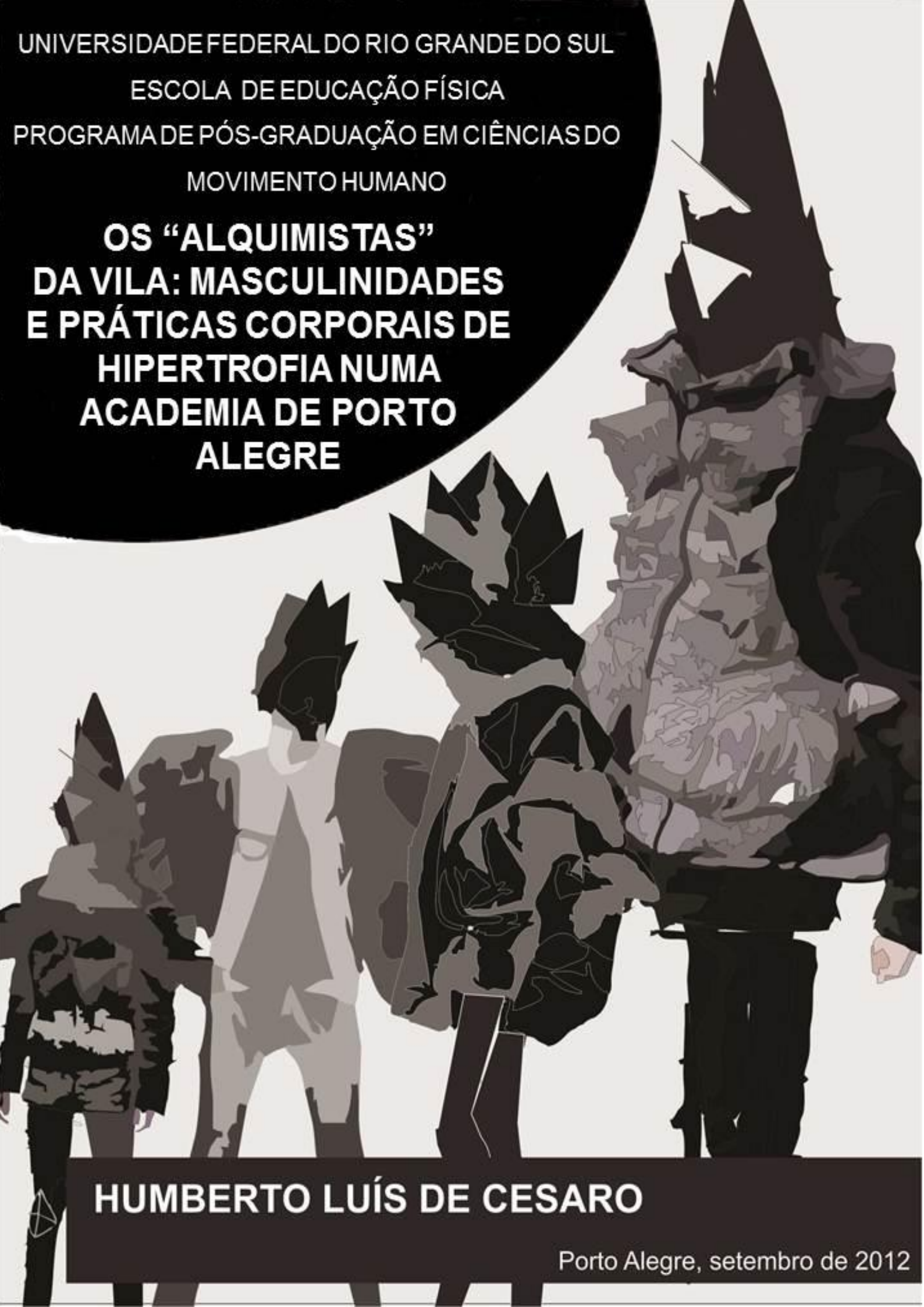


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
MOVIMENTO HUMANO

**OS “ALQUIMISTAS”
DA VILA: MASCULINIDADES
E PRÁTICAS CORPORAIS DE
HIPERTROFIA NUMA
ACADEMIA DE PORTO
ALEGRE**



HUMBERTO LUÍS DE CESARO

Porto Alegre, setembro de 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

HUMBERTO LUÍS DE CESARO

**OS “ALQUIMISTAS” DA VILA: MASCULINIDADES E PRÁTICAS
CORPORAIS DE HIPERTROFIA NUMA ACADEMIA DE PORTO
ALEGRE**

Porto Alegre, setembro de 2012

HUMBERTO LUÍS DE CESARO

OS “ALQUIMISTAS” DA VILA: MASCULINIDADES E PRÁTICAS
CORPORAIS DE HIPERTROFIA NUMA ACADEMIA DE PORTO
ALEGRE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ciências do Movimento
Humano como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Ciências do
Movimento Humano

ORIENTADOR: Prof. Dr. Alex Branco Fraga

Porto Alegre

2012

Humberto Luís de Cesaro

Os “alquimistas” da vila: masculinidades e práticas corporais de hipertrofia numa academia de Porto Alegre

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a Carmen Lúcia Soares – Educação Física/UNICAMP

Prof. Dr^a Dagmar Elisabeth Estermann Meyer – Educação/UFRGS

Prof. Dr^a Silvana Vilodre Goellner – Educação Física/UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Alex Branco Fraga – Educação Física/UFRGS

*Para Tila, que me deu amor e me ensinou a
usar as palavras e para Dodi, que me deu
amor e me ensinou a apreciar os sabores.*

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas que compõem esta história e foram e são capazes de ser (e me fazer) feliz. Espero não esquecer ninguém.

Agradeço aos que me chamaram de filho, Seu Olisse e Dona Alzira, e que sempre insistiram para que nós chegássemos mais longe do que eles tinham alcançado; também aos que me chamaram de irmão, o Tedo e a Guio, a Canda, Suzart e Cláudio; de tio, Ana Claudia, João Pedro e Luigi; de dindo, Andrigo e Julia.

Agradeço aos que me chamaram de aluno, desde a Dona Ladi, que me fazia encher as linhas com tracinhos e risquinhos para tentar melhorar as letras com as quais eu formava as palavras até o Alex, que enchia meus textos de comentários em inúmeros balõezinhos de revisão para que eu melhorasse o que as palavras diziam.

Também agradeço aos que me chamaram de colega, de forma muito especial aos do Polifes, que leram meus textos, fizeram perguntas interessantes e me fizeram repensar em vários momentos o que eu queria realmente dizer. E como a vida não é só estudo e trabalho, também foram parceiros de vários momentos de festa e descontração. Deixo à Cibele (e ao colega honorário Fabiano), ao Felipe, à Alessandra, ao Eduardo, ao Luiz, à Rute e à Ana Paula um trecho da Boa Hora:

*Saiba bem do caminho na largada
E não vá se perder com tanta estrada
Não se pode esquecer do objetivo
Não há laço maior que o afetivo
Nem amparo melhor que a madrugada*

(Alessandra Leão)

Aos muitos que me chamaram de professor (e também Profe, Professoro, Prô, Sor, Beto, Tio Beto, Tio, Danoninho, Band e Senhor Capitão) e provavelmente não tem noção do quanto me ensinaram. Agradeço também à direção (Naira, Valdiva, Nediane e Rosa) e aos colegas da EMEF Nova Sardenha, em Farroupilha, pelo incentivo para voltar a estudar e pelos arranjos que fizeram para acomodar meus horários e especialmente à Gabrieli, estagiária-professora.

Agradeço aos que me chamaram de amigo e compartilharam vários momentos dessa escrita. Em Farroupilha: Zeca, Paulo, Laís, Tania, Kika, Naide, Joice, Silvano, Ana, Alessandro, André, Sandra e Duarte; em Porto Alegre, Cláudia, Simone, Cíntia, Diego; em Caxias: Daniel, que já passou por esse momento e muito contribuiu para que eu me organizasse um pouco mais, Neiva, Liliane, Sabrina, Cesare, Leda e Giuliano; em Garibaldi, Luciana e Roberta; em Bento, Vinícius, Eliane, Eduardo e Richard; em Uberlândia, Angélica; espalhados por aí, mas reunidos pelas facilidades que a tecnologia oferece: @aimanoel, @andandonachuva, @andreclemente, @andrehtx, @_xavieh, @Bal_O, @claudiofazio, @c0dy_, @di_luis, @edder_ferreira, @evbreal, @FelpsReloaded, @hebertr, @istartedajoke, @Leovasco, @maduvs, @masteeu, @Mawara, @MPLinhares, @pln_xp, @Renato_Alves, @rbogaroch, @rod_cesar_lima, @Tefutchá, @thiagoeulalio e especialmente pro @nodonutforme, que há muito tempo passou a ser Jorge e acompanhou quase toda essa história.

Um agradecimento especial ao Marcos Paulo Piccoli, que cedeu as fotos que ilustram a capa e os inícios de cada capítulo e à Giliane Dessbessel, nova colega do Polifes, que criou a arte a partir destas fotos. Ao pessoal da Biblioteca da ESEF/UFRGS e da Secretaria do PPGCMH, que sempre me receberam com sorrisos e boa vontade e fizeram o possível para resolver os problemas que surgiram ao longo desta trajetória.

Aos professores Rafael Arenhaldt e Tania Beatriz Iwaszko Marques pelo auxílio decisivo para fazer a inscrição no processo seletivo para o mestrado: eu certamente não estaria aqui se não fosse por vocês.

Por fim, agradeço aos homens que me relataram suas histórias para que eu pudesse contar uma parte de suas vidas, permitindo a realização deste estudo.

CAPA E PÁGINAS DE TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

Arte de Giliane Dessbesell a partir das fotos da coleção *Geometric Corporal Expansion* do estilista Marcos Paulo Piccoli. Diz o autor sobre seu trabalho:

"*Geometric Corporal Expansion* busca a criação de um corpo expandido geometricamente, trazendo um novo olhar sobre ele. Um novo ser em busca de uma nova identidade, vestido com roupas matematicamente construídas que permitem ao corpo ir além de todos os seus limites."

A coleção completa pode ser vista em:

<http://www.behance.net/gallery/Geometric-corporal-expansion/2299994>

RESUMO

Esta dissertação trata das formas pelas quais um grupo de homens que frequentam uma academia de musculação da zona sul de Porto Alegre incorpora práticas de cuidados corporais com vistas à produção de corpos adequados aos padrões estéticos contemporâneos e como lidam com a ambiguidade decorrente destas práticas que se situam na fronteira entre o que é percebido como masculino e feminino. O marco teórico que subsidia este estudo contempla a discussão sobre masculinidades, as teorizações foucaultianas sobre biopolítica e os estudos sobre o governo dos corpos na contemporaneidade. O material empírico foi construído a partir de uma pesquisa de cunho etnográfico que conciliou observação participante e entrevistas semiestruturadas, cujos registros produziram um diário de campo. A análise consistiu em contrastar os achados da pesquisa com aqueles descritos na literatura, problematizando as formas pelas quais os frequentadores desta academia incorporam no seu cotidiano algumas práticas de cuidados com o corpo. Esse processo permitiu compreender que algumas práticas são consideradas não-problemáticas para a construção do gênero e são aceitas sem maiores problemas, enquanto outras, aquelas consideradas potencialmente perigosas para a afirmação da masculinidade, são modificadas ou suprimidas.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidades, práticas corporais, hipertrofia, biopolítica, academia.

ABSTRACT

This paper is about a group of men that works out in a south Porto Alegre's gym and their body care and ways to achieve the contemporary esthetic patterns. The theoretical approach that bases this study faces the discussion about masculinities, foucaultians theories about biopolitics, and the studies about body government on contemporaneity and how they deal with the ambiguity resulting from such practices that are in the border of what is considerate masculine or feminine. Empiric material was build from an ethnographic research that matches observations of the participants and semi-structured interviews, whose records brought forth a research diary. Analyses consisted on contrast research results from those described on literature, problematizing the ways by which regulars from this gym incorporate in their everyday some body care practices. This process allowed comprehending that some practices are considered non-problematic for gender construction, and are commonly accept, whereas others, considered potentially danger for masculinity affirmation, are modified or suppressed.

KEY WORDS: masculinities, body practices, hypertrophy, biopolitics, gym.

SUMARIO

INTRODUÇÃO	13
1. CORPUS TEÓRICO	24
1.1 SER MASCULINO É.....	25
1.2 BIOASCESES, BIOIDENTIDADE, BIOPOLÍTICA.....	28
1.3 MUSCULAÇÃO COMO PRÁTICA DE GOVERNO.....	36
1.4 MASCULINIDADES <i>IN STRICTO SENSU</i>	39
2. NA GUILDA DOS ALQUIMISTAS: A ACADEMIA, A VILA, OS HOMENS	45
2.1 UM NEGÓCIO DO “PEDAÇO”	47
2.2 ALQUIMISTAS DE FÉ	53
2.3 UM ESTRANHO NO “PEDAÇO”	55
2.4 EM MEIO AOS ALQUIMISTAS.....	59
3. ALQUIMIAS CONTEMPORÂNEAS	61
3.1 FAUSTO: UM CORPO QUE PESA	63
3.2 OS DEMAIS HOMENS DA VILA, SEUS CORPOS E SUAS ROUPAS	68
3.3 PRA GANHAR CORPO: <i>SHAKES</i> , BANANAS, OVOS E MUITO “FERRO”	73
3.4 NÃO PODE SER NA SERINGA, TEM QUE SER NO MUQUE	80
3.5 A VIDA COMEÇA AOS 40... CENTÍMETROS DE BRAÇO	85
3.6 O QUE SE FAZ E NÃO SE DIZ	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
ANEXOS	108

INTRODUÇÃO



Uma dissertação de mestrado, assim como a pesquisa que a precede, não começa a partir da seleção, das primeiras aulas ou das primeiras reuniões de orientação. O que leva alguém a empreender um movimento de pesquisa e de escrita está ligado aos interesses pessoais, às vivências acadêmicas, às leituras prévias. Portanto, a decisão de levar adiante esta pesquisa sobre a produção de corpos masculinos em um grupo de frequentadores de uma academia popular na zona sul de Porto Alegre começa muito antes de conhecer a Academia na Vila¹ e seus personagens.

As práticas corporais sistematizadas entraram cedo na minha vida. Aos dez anos, quando entrei na quinta série do ensino fundamental, a escola representava para mim um local sagrado, de busca de conhecimento. Com muita surpresa, ao ter minhas primeiras aulas de Educação Física, percebi que a escola, esse templo de saber, dos livros e dos cadernos, era um local onde também se aprendia a praticar esportes. A decisão de ser professor de Educação Física foi tomada ali, antes de concluir a quinta série, e foi se consolidando com o início dos treinos de voleibol, inicialmente na equipe da escola e depois num clube e também com o início da prática da natação.

Já no curso de graduação em Educação Física na ESEF/UFRGS pude aprofundar conhecimentos práticos e teóricos tradicionalmente identificados à área, e de certo modo já esperados por quem decide trilhar este caminho, mas também tive a oportunidade de estudar temas que sequer imaginava, tal como os corpos dóceis de Foucault em uma das aulas da disciplina Introdução à Educação Física. Mesmo sem entender muito bem, comecei a pensar que os corpos não se conformavam (e não se conformam) de determinadas formas ao acaso, não se acomodavam (e não se acomodam) por leis naturais ou imposição divina. Ali vislumbrava as relações de força que posicionam os sujeitos em determinado lugar e agem sobre seus corpos no sentido de ordená-los, discipliná-los e controlá-los, esse jogo complexo no qual nos envolvemos de forma involuntária e do qual muitas vezes mal suspeitamos de sua existência.

¹ Academia é um termo que pode tanto se refere à Instituição de Ensino Superior quanto local de prática de ginástica e exercícios. Neste texto, optei por grafar com inicial maiúscula sempre que me referir especificamente ao local onde foi realizada a pesquisa de campo.

Frequentar o curso de graduação numa Universidade como a UFRGS tem diversas vantagens. Uma delas é a possibilidade de conviver com as outras formações em nível superior que a universidade oferece e assistir as defesas de mestrado e doutorado em vários programas de pós-graduação. E foi assim, meio por acaso, que assisti uma defesa de dissertação na Faculdade de Educação que me apresentou, além da temática inédita, uma bibliografia vasta e interessante sobre as relações de gênero e a produção dos corpos masculinos, femininos, “sagrados”, “demonizados”, desejados, desejáveis ou abjetos. Destas leituras é que surgiu a compreensão de que não existem corpos “naturalmente” masculinos ou femininos, “bons-moços/boas-moças” ou “endemoniados/as”. São, sempre, construídos e posicionados na cultura através dos mais diversos investimentos.

Um período relativamente longo separou a conclusão do curso de graduação em Educação Física e o retorno aos estudos na ESEF. Um período marcado mais pela dedicação ao trabalho² (e às leituras específicas que ele demanda) do que aos estudos, embora as leituras sobre corpo e gênero tenham feito parte do meu cotidiano de forma ininterrupta. O retorno à ESEF/UFRGS foi como aluno do Programa de Educação Continuada, cursando uma disciplina que analisava, entre outros temas, a promoção da saúde dentro de uma perspectiva biopolítica e suas implicações na educação dos corpos contemporâneos. As leituras, as discussões durante as aulas e a elaboração de um ensaio como trabalho final da disciplina viabilizaram um alinhamento entre leituras recentes e as mais antigas, principalmente aquelas relacionadas às masculinidades, permitindo outro olhar sobre a produção dos corpos masculinos.

Esse “reprocessamento” conceitual me levou a compreender que nos últimos anos do século XX, e nestes primeiros do XXI, novas formas de relação dos homens com seus corpos proliferaram em nossa sociedade, uma espécie de “última fronteira” a ser conquistada, posto que os corpos das mulheres, dos/as infantis e idosos/as há muito já são governadas pela Medicina, pela mídia, pelo mercado e por outras formas de governo dos corpos. Novas palavras entraram no vocabulário masculino, revelando práticas que aos poucos têm se instalado no cotidiano dos homens: depilação, hidratação, limpeza de pele, dietas para ganhar ou perder peso, cirurgias

² Sou professor da rede municipal de Farroupilha, RS.

plásticas, implantes – e não apenas os capilares, já utilizados há mais tempo pelo público masculino, mas aqueles de próteses de silicone simuladoras dos músculos hipertrofiados desejados pelo cliente e não obtidos por meio dos exercícios na academia de ginástica.

Exemplos sobre os esforços para a conquista desta última fronteira são muitos e estão por toda a parte, mas no meu entender três exemplos merecem destaque. O primeiro é uma revista, o segundo é uma empresa que emula um estilo de vida e o terceiro é um personagem fictício que induz ao consumo de produtos antes ignorados pelo público masculino.



Figura 1 – Capa da revista Men's Health

A revista Men's Health, editada no Brasil desde maio de 2006 e nos Estados Unidos desde 1987, é uma publicação que divulga informações sobre aspectos variados da vida dos homens, mas principalmente sobre *fitness* e nutrição. Nas capas das edições, com raras exceções, são mostrados homens seminus - uma grande novidade nas revistas voltadas ao público masculino, pois, até então, somente eram mostradas mulheres nuas, carros, jogadores de futebol ou executivos engravatados. E quando homens seminus são mostrados em revistas como a Men's Health, isso é feito de um modo bem específico: nenhum pelo recobre os músculos

delineados, hipertrofiados e tornados visíveis pelas práticas divulgadas na revista. O homem gordo ou que possui pelos espalhados pelo corpo abaixo da linha das sobrancelhas não faz parte do mundo Men's Health.

Outro exemplo de demonstração deste tipo investimento sobre os corpos masculinos contemporâneos pode ser encontrado nos materiais de divulgação da Universal Nutrition, uma empresa que produz suplementos alimentares para praticantes de musculação.

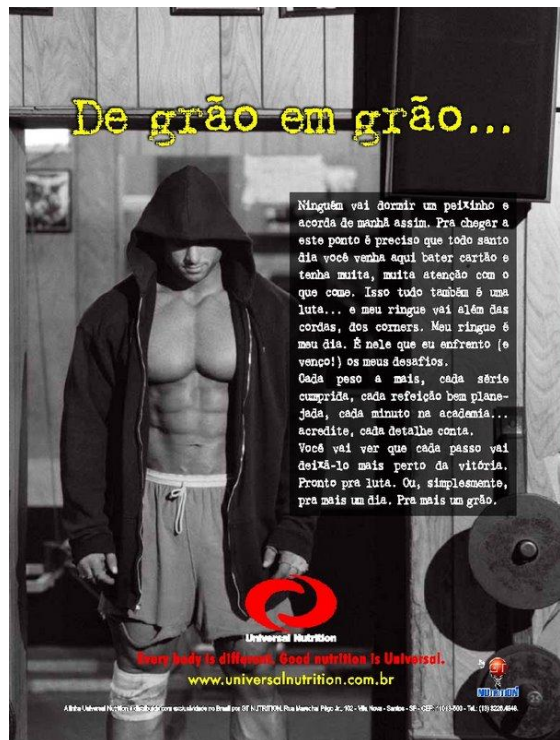


Figura 2: Cartaz da empresa Universal Nutrition

Na peça publicitária reproduzida acima está inscrito o seguinte texto:

Ninguém vai dormir um peixinho e acordar de manhã assim... Para chegar a esse ponto é preciso que todo santo dia você venha aqui bater cartão e tenha muita, muita atenção com o que come. Isso tudo também é uma luta... e meu ringue vai além das cordas, dos *corners*. Meu ringue é meu dia. É nele que eu enfrento (e venço!) os desafios. Cada peso a mais, cada série cumprida, cada refeição bem planejada, cada minuto na academia... Acredite, cada detalhe conta. Você vai ver que cada passo vai deixá-lo mais perto da vitória. Pronto para luta. Ou, simplesmente, para mais um dia. Para mais um grão.

Muito mais do que apenas um produto, a empresa vende um estilo de vida que se fundamenta num controle minucioso das atividades cotidianas: a ida à

academia todos os dias (ou, nas palavras do cartaz, “é preciso que todo santo dia você venha aqui bater cartão”), o cuidado com a alimentação (“[é preciso] muita atenção com o que come”), as vitórias de cada dia (“cada peso a mais, cada série cumprida, cada refeição planejada, cada minuto na academia”), a perseverança que se faz necessária para atingir aos poucos, de grão em grão (“Ninguém vai dormir um peixinho e acorda de manhã assim”), a vitória. Vitória que não se define; ser vitorioso, nesse contexto, não significa chegar a lugar algum, atingir determinada marca, marcar mais gols, cestas ou pontos. Do lema olímpico *citius, altius, fortius*, somente o terceiro termo parece ter valor. Vencer, aqui, é estar pronto para mais um dia de luta, para mais uma tentativa de chegar a um lugar que nunca se alcança, posto que sempre está mais adiante, tal qual a linha do horizonte. É estar pronto para mais um grão.

E um terceiro e último exemplo desse tipo de investimento é o metrossexual, personagem que faz sua “estreia” em 1994 num artigo do jornalista Mark Simpson para o jornal inglês *The Independent* e desde então tem estimulado os homens a consumirem produtos já existentes nas prateleiras das lojas e supermercados que não eram percebidos por este público. Falar em metrossexual (a contração das palavras metropolitano e sexual) passa a fazer sentido depois que algumas empresas perceberam que os homens poderiam se tornar potenciais consumidores de produtos antes endereçados somente às mulheres. Como o “impassível e largadão heterossexual não compra nada!” (GARCIA, 2004, p.9), foi preciso criar uma figura que, sem perder traços de uma “sutil virilidade” (idem, p.10), permitisse o consumo de cosméticos, perfumes, jóias, roupas de grife, massagens, depilação e uma série de outros produtos e serviços que, até então, seduziam apenas as mulheres.

Mais do que uma criatura de carne e osso, o metrossexual é um conceito para designar um tipo específico de consumidor que gasta mais de 30% de seu salário com roupas e cosméticos, que frequenta academias de ginástica, manicures e pedicures e que adora um shopping (idem). A função deste “personagem–conceito” de metrossexual é tornar aceitável esse tipo de consumo sem estigmatizar e sem deixar dúvidas sobre a masculinidade dos homens que o adotam. Uma das maneiras de divulgar o conceito e de lhe garantir a necessária legitimidade é associá-lo a homens que ocupam posições privilegiadas como exemplos da

masculinidade hegemônica: ricos, bem-sucedidos e, principalmente, jogadores de futebol. David Beckham e Cristiano Ronaldo são os representantes mais destacados deste “novo homem”.



Figura 3: Foto retirada do site da Colcci Floripa

Meu olhar para essas pedagogias corporais sempre foi de fora e de longe, pois eu nunca me senti interpelado pelos discursos veiculados pela revista, pelas peças publicitárias de uma empresa como a Universal Nutrition ou pelo personagem-conceito metrossexual. A Men's Health chegou até mim por acaso, já o cartaz da Universal Nutrition eu encontrei na academia de musculação que eu freqüentava e as alusões aos metrossexuais começaram a aparecer em diversas mídias, porém todas estas preocupações com o corpo diferem muito daquelas com as quais eu sempre estive habituado. Posso dizer que o meu interesse em estudar as pedagogias do corpo masculino foi suscitado em instâncias bem diversas e não estava diretamente relacionado ao mundo da prática da Educação Física, pois nos mais de quinze anos em que joguei voleibol, durante o curso de graduação em Educação Física e durante a minha prática profissional como professor e treinador, todas as minhas referências sobre treinamento físico envolviam a preparação do corpo para o movimento, uma busca de mais força, mais velocidade e mais resistência para a execução das técnicas específicas de cada modalidade esportiva ou para o estabelecimento de alguma marca. Ir à academia, para mim, sempre

representou o desenvolvimento da aptidão física com vistas a melhorar a prestação esportiva e executar com mais precisão e eficiência os fundamentos e as técnicas do esporte que eu praticava e, ao abandonar as quadras, passou a ser uma estratégia para amenizar os efeitos das lesões adquiridas durante o treinamento. A malhação sempre foi uma atividade acessória, paralela, jamais a atividade principal e nunca com vistas a construir um corpo conforme aos padrões estéticos. Esculpir o corpo para adequá-lo a um determinado modelo de beleza é uma intenção deveras incompatível com as que sempre me levaram aos aparelhos, halteres, barras e anilhas das academias de ginástica e musculação e foi justamente esse estranhamento que despertou minha curiosidade para empreender o estudo que agora relato.

Conhecer os homens que elegem a construção hipertrofiada de seus próprios corpos como atividade principal de seu cotidiano e vivem experiências corporais tão diferentes das minhas passou a ser uma curiosidade recorrente: entender suas motivações e necessidades e compreender as formas pelas quais justificam tantos cuidados com a aparência para atingir um universo tão próximo e ao mesmo tempo tão distante. Próximo porque presente nas mídias, nas praias, nos clubes e até mesmo na academia onde eu pratico musculação e distante porque estava fora da minha compreensão, do meu modo de perceber o corpo e de experimentar as práticas corporais.

Estranhamento e curiosidade diante de tanta massa muscular exposta despertaram algumas dúvidas, que podem ser expressas de forma bastante similar àquela de Luiz Felipe Zago quando indaga sobre a exposição dos corpos de homens gays em sites de relacionamento: “ser homem *tem* que ser assim e só assim?” (ZAGO, 2009, pg. 209, grifos do autor). Não existe espaço para outras práticas corporais, outros usos do corpo que não apenas ostentar um arcabouço muscular hipertrofiado? Será que seguirá aumentando o número de homens que vai aderir a essa busca frenética por um ideal inatingível de corpo musculoso? Será que a tentativa de definir o corpo até o limite do possível, mostrando músculos e veias inchados sobre a pele esticada, irá se sobrepor a outros prazeres possíveis advindos das práticas corporais? Não, sim e sim parecem ser as respostas se olharmos somente para os leitores e assinantes da Men’s Health, para os compradores dos produtos da Universal Nutrition ou para os consumidores que se

aproximam do perfil idealizado do metrossexual. Em suma, três identidades masculinas capturadas pelos discursos que postulam construções corporais orientadas pelo padrão estético dos músculos definidos e da pele lisa.

Meu primeiro movimento para compreender estas mudanças nas masculinidades se deu no trabalho de conclusão da disciplina Educação, Saúde e Movimento Humano, ainda como aluno PEC, e consistiu numa análise de doze edições da revista Men's Health. E foi a partir deste ensaio que eu elaborei o anteprojeto de pesquisa que apresentei no processo seletivo para o mestrado em Ciências do Movimento Humano. Naquele momento, minha intenção era continuar o estudo com a revista Men's Health, mas sob outro enfoque: não mais uma análise do conteúdo da revista e sim um estudo voltado para as formas como essas recomendações atravessavam o cotidiano e as práticas dos seus leitores. Ainda não tinha certeza sobre qual a melhor metodologia a ser empregada para estruturar a pesquisa, pensei em grupos focais, em microetnografia e na etnografia virtual. A única coisa que era claro para mim naquele momento é que gostaria de estudar as pessoas e o impacto que a circulação deste tipo de informação sobre os cuidados com o corpo masculino exercia sobre suas vidas.

Depois da entrada no Programa de Pós-Graduação da ESEF/UFRGS, o projeto foi tomando novos rumos; de recorte em recorte, fui estreitando o foco e definindo melhor o campo empírico. O primeiro recorte estava relacionado com o grau de envolvimento dos sujeitos com as práticas e refletia um deslocamento de interesses, quando passei a olhar não mais para os homens já capturados pelo discurso midiático, mas para aqueles que ainda não estavam totalmente imersos na "onda" da Men's Health. Esse recorte não indicava obrigatoriamente uma mudança no grupo a ser estudado, uma vez que é bastante provável que nem todos os leitores da revista estejam capturados pelo discurso dos cuidados corporais na mesma intensidade. Além disso, considerava esse universo empírico demasiadamente disperso para reuni-lo em tempo hábil para o desenvolvimento de uma investigação de mestrado. Comecei, então, a pensar onde encontrar um grupo que atendesse a este novo critério: não estar capturado pelo discurso veiculado pela revista e por mídias semelhantes. Se os leitores da Men's Health não eram mais o foco principal da pesquisa, então onde encontrar homens ainda não seduzidos pelo

conteúdo da revista? Onde encontrar homens que fossem alvos potenciais da veiculação deste discurso midiático, mas que a ele ainda não tiveram acesso³?

Num primeiro momento, pensei em procurar um grupo de homens com maiores restrições de acesso a profissionais como *personal trainers* e nutricionistas, que frequentasse uma mesma academia de musculação para que eu pudesse estudar como se daria a construção das masculinidades dentro deste contexto. Além das dificuldades para ter acesso à revista, outro ponto passou a ser interessante, pois, no que diz respeito à construção das masculinidades entre grupos populares⁴, a literatura aponta para um conservadorismo quanto à aquisição de novos hábitos, principalmente no que diz respeito à linguagem, ao vestuário e aos usos do corpo, entendidos como demonstrações de enfraquecimento da virilidade ou de “aburguesamento” (OLIVEIRA, 2004; FONSECA, 2000). Assim, o estudo focaria não somente os homens que ainda não estão capturados pelos discursos dos cuidados corporais, mas em homens pertencentes a grupos que tradicionalmente são refratários a estas mudanças. Num ambiente no qual dar provas de virilidade é tão importante para assegurar a masculinidade, incluir práticas com potencial para “arranhar” tal quesito poderia suscitar questões interessantes: como esses homens explicariam a adoção destes hábitos de cuidado com o corpo e com a alimentação, assim como com a pele, roupas e cabelos? Como essas práticas se relacionam a hábitos antigos? E, principalmente, como esses homens lidam com o perigo do questionamento acerca da virilidade?

Para subsidiar teoricamente a elaboração do projeto, realizei uma busca em bases de dados por artigos, teses e dissertações na mesma área. Durante esse procedimento, que será descrito em maiores detalhes posteriormente, localizei uma

³ As restrições de acesso à revista poderiam ser de várias ordens e naturezas, entre elas questões como crenças políticas ou religiosas e também as condições econômicas. Esta última foi a que pareceu mais promissora para empreender este estudo.

⁴ Optei pelo termo grupos populares ao invés de classe popular porque o termo “classe” pode sugerir uma ligação aos estudos marxistas, cujas concepções teóricas não compartilho. No texto, sempre que eu fizer alguma referência aos/as moradores/ da Vila associada às suas condições socioeconômicas, vou me valer da expressão grupos populares, que é a expressão utilizada pela antropóloga Cláudia Fonseca (2000) para referir-se aos grupos nos quais construiu seus estudos etnográficos em duas vilas de Porto Alegre. Sua intenção, ao empregar grupos, no plural e substituindo a palavra classe, é destacar o dinamismo cultural característico destes grupos e contrapor-se a uma visão já estruturada na antropologia brasileira de que os grupos não pertencentes à cultura dominante compartilham de um vazio cultural e da vitimização enquanto populações que aguardam, passivamente, sua elevação à condição humana.

dissertação de mestrado que apresentava uma abordagem semelhante à que eu pretendia adotar, o que me levou a pensar numa mudança: sairiam os homens da academia, entrariam aqueles que dependem de uma construção hipertrofiada dos corpos para o exercício de alguma profissão. Entre atletas de algumas modalidades esportivas, dançarinos, *strippers*, garotos de programa e seguranças, apenas para listar algumas profissões em que a modelagem corporal é mais importante, e optei pelos últimos no projeto apresentado à banca de qualificação.

Na sessão de qualificação do projeto, respondendo à banca sobre os motivos que me levaram a essa mudança, foi possível perceber que esse deslocamento era desnecessário e de certo modo infrutífero para as finalidades do projeto. As críticas e contribuições da banca me ajudaram a ver que tratar de uma temática já desenvolvida em investigação similar não faria com que a dissertação a ser produzida perdesse sua validade acadêmica, pois relevância e originalidade dependem do modo como se constrói a proposta e a forma como se aborda a investigação. Depois de muita reflexão, optei por voltar ao desenho original do projeto.

Assim, defini como objetivo deste trabalho compreender a dinâmica de produção das masculinidades entre homens pertencentes a grupos populares e frequentadores de uma academia de musculação com vistas à construção de um corpo adequado aos padrões estéticos contemporâneos. Raewyn Connell⁵, ao analisar a construção das masculinidades, diz que elas são sempre atravessadas por implicações étnicas, geracionais, educacionais e também de classe. Como já foi dito anteriormente, os cuidados corporais, a vaidade e as preocupações com a beleza, tendem a ser vistos com mais desconfiança quando adotados por homens pertencentes aos grupos populares. Na equação “virilidade = masculinidade”, esse enfraquecimento dos atributos viris pode ser entendido como um sinal de menos “macheza”, comprometendo a identificação dos homens com a masculinidade

⁵ A forma correta de citar a obra de Connell tem sido um problema nos últimos tempos. Connell é uma transgênero que abandonou a identidade Robert William Connell e tornou-se Raewyn Connell em 2006. A nova edição de *Masculinities* publicada em 2005 foi assinada como Robert e desde 2007 seus livros são editados com o nome Raewyn. Ao longo de sua carreira acadêmica, várias formas de grafar seu nome foram empregadas nos livros que publicou: Bob Connell, Robert Connell, Robert W. Connell, Robert William Connell, R.W. Connell, R. Connell and Raewyn Connell. Optei por utilizar este último por ser o nome pelo qual ela se apresenta atualmente e também por ser o único, entre tantas combinações do nome de batismo, que a própria autora escolheu.

valorizada dentro do grupo. E foi justamente nessa tensão entre, de um lado, a virilidade como característica fundamental e, de outro, a adesão aos hábitos de cuidados tradicionalmente associados ao feminino que eu situei as minhas questões de pesquisa. De que forma os homens que frequentam a Academia da Vila com o objetivo de adequar seus corpos a um determinado padrão estético incorporam em suas rotinas algumas práticas de cuidados corporais que podem comprometer sua virilidade? Como justificam sua adesão a tais práticas? E, principalmente, como lidam com a ambiguidade decorrente destas práticas que se situam na fronteira entre o que é percebido como masculino e feminino?

Para apresentar de modo sistematizado como procurei dar conta destas questões na investigação, estruturei o texto dissertativo da seguinte forma: no capítulo um apresento os conceitos que fundamentam teoricamente o presente estudo, alguns dos quais já foram mencionados aqui, como biopolítica e masculinidades e também a pesquisa bibliográfica em bases de dados. No capítulo dois discorro sobre as opções metodológicas a partir do referencial teórico e as decisões tomadas na delimitação do campo onde realizei a pesquisa. No capítulo três descrevo e analiso os achados etnográficos da minha incursão pela Academia da Vila.

Para finalizar essa introdução, uma breve explicação sobre a forma de flexionar as palavras no texto. Este projeto trata de homens e, portanto, sempre que eu faço uma referência aos colaboradores deste estudo, as palavras serão flexionadas no masculino. Quando a referência for mais genérica e, portanto, aplicável tanto a homens quanto mulheres, optarei pela flexão nos dois gêneros. Tal escolha contraria a opção de Alexandre Almeida (2009), para quem esse recurso de flexão que a língua portuguesa permite tende a tratar a fala sexista como um problema somente linguístico e não social. Sem desmerecer a importância de tal argumento, prefiro manter a flexão para incluir homens e mulheres na minha discussão sempre que julgar pertinente e principalmente por entender que a linguagem não apenas representa, mas produz os objetos sobre os quais fala.

1. *CORPUS* TEÓRICO



Este capítulo apresenta o referencial teórico que sustenta as análises que vou empreender na dissertação. Está estruturado em três seções: a primeira discute o conceito de masculinidades; na segunda apresento e discuto os conceitos de biopolítica, bioidentidades e biopolítica informacional, articulando-os para tentar explicar a centralidade que os processos de governo dos corpos têm assumido na cultura contemporânea. Finalizo o capítulo apresentando a musculação como uma prática de educação dos corpos que encontra eco em outras práticas mais antigas.

1.1 SER MASCULINO É...

Quando o artista plástico Chad States, em 2008, publicou num site americano de classificados um anúncio com o título “Você é masculino?”, através do qual procurava voluntários para um projeto que estava desenvolvendo, a variedade de respostas obtidas foi imensa. O projeto consistia em fotografar homens em situações em que estivessem representando sua masculinidade. Grande parte das respostas obtidas pelo artista foi de homens dispostos a serem fotografados nus, entendendo que o aspecto principal de sua masculinidade seria sua genitália, enquanto outros preferiram mostrar suas atividades profissionais, suas habilidades esportivas ou o corpo em diferentes estágios de nudez, porém não tão despidos quanto os primeiros. Algumas das respostas colhidas pelo artista foram dadas por mulheres e transexuais, que estavam dispostas a expor sua masculinidade para as lentes do artista.

A grande variedade de dados obtidos por Chad States evidencia o que os Estudos de Gênero e Sexualidade já têm afirmado há algum tempo: masculinidade não é uma determinação biológica, não é um atributo exclusivo e incontestável derivado de um aspecto corporal. Ser masculino é consequência de processos que acontecem dentro da cultura e que variam de uma cultura para outra e também dentro de uma mesma cultura ao longo do tempo. Como disse Raewyn Connell, não há somente uma masculinidade, existem várias, tantas quantas forem as formas de viver a experiência de ser homem, pois “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”

(CONNELL, 1995, p.188). Por isso falamos em masculinidades, no plural, e por isso dizemos que são múltiplas em sua relação com classe, orientação sexual, geração e etnia, entre outros, produzindo diferentes maneiras de ser e de aprender a ser homem, diferentes concepções do eu e diferentes modos de usar o corpo masculino. Isso é facilmente perceptível em escolas, ambientes de trabalho e instituições militares, portanto, não poderia ser diferente nas academias de musculação.

Outra importante contribuição de Raewyn Connell (1995) para a compreensão das masculinidades é o conceito de masculinidade hegemônica, que permite compreender a dinâmica da interação entre essas diversas configurações de experiências. Masculinidade hegemônica é aquela que, num determinado contexto histórico e cultural é percebida como a forma ideal, se não a única, de viver o masculino. De acordo com Fernando Seffner, “o modo de viver masculino que desfruta da maior concentração de privilégios, num dado sistema de relações de gênero, será considerado como a forma de masculinidade hegemônica” (2003, p.125). Assim, compartilhar dos atributos da forma hegemônica de masculinidade propicia vantagens e facilidades, enquanto a adesão a outras formas de viver as múltiplas possibilidades de ser masculino causa problemas e dificuldades. Isso porque, sendo múltiplas, estão imbricadas em relações de poder que tornam algumas formas mais aceitas e estimuladas, enquanto outras são desvalorizadas ou coibidas. Não se posicionam “como pratos num bufê”, uma ao lado da outra; estão mais para pratos num armário, uma em cima da outra, pois algumas masculinidades são predominantes enquanto outras são subordinadas ou marginalizadas.

Connell (2000) refere-se a um *continuum* onde as masculinidades são posicionadas e no qual são consideradas mais ou menos legítimas em razão do quanto mais se aproximam ou se afastam da norma. A relação de convivência entre elas pode ser pacífica ou extremamente violenta, como pode ser visto nas notícias sobre agressões homofóbicas, mas não há como escapar desta ligação entre as diferentes possibilidades de viver a experiência do masculino, pois é através dela que a própria norma se estabelece como tal. Nesta interação, algumas masculinidades podem ser marginalizadas, como aquelas que cruzam a (e se afastam demais da) fronteira do masculino e do feminino, pois

a definição de um padrão de masculinidade hegemônica – caracterizado, entre outros, por atributos como violência, força física para exercer a dominação, modos

intempestivos de lidar com diversas situações – passa pela definição daquilo que não é masculino, sendo então taxado de feminino ou afeminado. O feminino na mulher é valorizado, embora colocado em situação hierárquica inferior ao masculino do homem. O afeminado no homem é desprestigiado, objeto de desprezo, colocado em patamar inferior ao feminino da mulher. A existência de um homem afeminado termina por reforçar a masculinidade hegemônica, uma vez que fornece o **exemplo do que não deve se fazer, do que não se deve ser, daquela fronteira da qual não devemos nos afastar** (SEFFNER, 2003, p.126, grifos meus).

Esta dinâmica de interação entre as masculinidades hegemônicas, subordinadas e marginalizadas serve tanto para reforçar quanto para construir aquele padrão tido como ideal. Nas palavras de Michael Kimmel, que estudou os processos de produção das masculinidades nos Estados Unidos pós-independência,

à medida que o ideal hegemônico de masculinidade se estabelece, este é criado por oposição a um feixe de “outros”, cuja masculinidade foi problematizada e desvalorizada. O hegemônico e o subalterno emergem em mútua e desigual interação (KIMMEL, 1998, p.103).

Como exemplos, posso citar os homens que se vestem com roupas femininas e aqueles que fazem sexo com outros homens, configurando formas de masculinidades marginalizadas. Essa posição de marginalização também fica evidente nos trabalhos de Costa (2009) e Andreoli (2010) sobre os homens que dançam e seu esforço para se aproximarem da masculinidade hegemônica, uma vez que a dança não é uma prática própria dela. Quanto mais leves e suaves os movimentos da modalidade de dança praticada, mais se afasta da masculinidade hegemônica e, portanto, mais marginalizados são os praticantes. Assim, aqueles que optam pelo balé clássico, pelo *jazz* e pela dança contemporânea estão mais sujeitos à marginalização (e também à violência) do que aqueles que praticam *hip-hop* ou danças tradicionais gaúchas.

Já um exemplo de masculinidade subordinada pode ser visto nas academias de musculação entre os marombeiros veteranos e os novatos, também chamados de “frangos” devido à massa corporal pouco desenvolvida. A relação que se estabelece entre um veterano e um frango é de subordinação, frequentemente associada a uma hostilidade leve, envolvendo brincadeiras por parte dos praticantes mais experientes relativas a pouca força dos novatos, mas não chega a ser violenta.

Por sua vez, o novato vê seu corpo futuro no veterano que zomba dele, enxerga-o como uma espécie de preceptor que lhe ensinará como chegar lá, pois o frango almeja pertencer a esta elite corporal que encarna a forma da masculinidade hegemônica nas academias de musculação. Sendo as masculinidades tão múltiplas, tão variadas que parece existir uma para cada sujeito, faz sentido falar em masculinidades? Não seria mais produtivo falar em homem, singular, ao invés de empregar uma categoria que parece tão diluída a ponto de perder a importância?

De acordo com as concepções teóricas às quais este estudo se filia, a resposta às perguntas anteriores é não. Apesar de aparecerem nas vidas singulares de cada um, as masculinidades são construídas coletivamente e essa elaboração é ativa, ou seja, depende das ações de cada um, uma vez que não é determinada biologicamente, como algumas correntes teóricas nos fazem crer⁶, nem fixada por uma estrutura social independente da interação entre os membros do grupo. Masculinidades são construídas num determinado contexto social, valendo-se dos recursos e estratégias disponíveis (CONNELL, 2000, p.12). Nas sociedades ocidentais contemporâneas, o esporte coletivo tem sido uma das instituições privilegiadas para a elaboração das masculinidades e, no caso específico do Brasil, o futebol tem sido uma das instituições privilegiadas para a aprendizagem de uma masculinidade autorizada (FARIA, 2009; BANDEIRA, 2010). Gustavo Andrada Bandeira, estudando a construção das masculinidades nos estádios de futebol, modifica a conhecida frase de Simone de Beauvoir para dizer que “não se nasce homem, torna-se homem” (2010, p.342); conhecer seus códigos e dominar suas habilidades faz parte da incorporação da masculinidade hegemônica nos meninos que nascem no país do futebol. No Brasil, é, em grande parte, através do futebol que se aprende a ser homem, seja jogando ou assistindo, torcendo ou discutindo com os amigos.

A partir deste exemplo do futebol na sociedade brasileira também é possível destacar outra característica importante das masculinidades: elas valem-se dos corpos como arenas para sua construção (CONNELL, 2010). Os corpos dos homens

⁶ Posso listar como representantes destas correntes teóricas os representantes da psicologia pop (a expressão é empregada por Connell, 2000), que encaram os questionamentos que os homens têm feito a respeito de seu papel na divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos como uma “crise do masculino” e também aqueles que comungam concepções essencialistas de sujeito e escrevem livros com títulos como “Homens são de Marte, mulheres são de Vênus” ou “Mulheres fazem amor, homens fazem sexo”.

não determinam os padrões de masculinidade, como um essencialismo biológico baseado na compactação homem-macho-masculino poderia supor. Os corpos masculinos são direcionados para um ideal, definidos e disciplinados pela ordem de gênero de cada cultura. Os corpos são os locais onde são produzidos os padrões de gênero, e é por este motivo que masculino e feminino não podem ser sobrepostos a homens e mulheres, respectivamente, pois masculinidade e feminilidade são metáforas de poder e de capacidade de ação, acessíveis a homens e mulheres (ALMEIDA, 1995).

Por fim, masculinidades são internamente complexas e contraditórias e isso constitui um dos pontos-chave para a compreensão de que elas são construídas, pois se fossem dadas ou fixadas *a priori*, não existiriam pontos de tensão capazes de subverter a ordem pré-determinada. Connell (2000) cita o trabalho de Klein (1993) sobre fisiculturistas para apoiar este argumento, no qual o autor identifica um conflito entre a masculinidade hegemônica heterossexual e as práticas homossexuais através das quais eles obtêm recursos financeiros que permitem o acesso às academias de musculação, aos anabolizantes e aos profissionais que asseguram a produção de seus corpos exemplares. Chaves (2010) identificou esse mesmo conflito entre os colaboradores de seu estudo, que se envolvem com outros homens como forma de obter dinheiro para adquirir anabolizantes ou suplementos alimentares para atingir seus objetivos de construção corporal.

E justamente por serem contraditórias e não-fixadas, as masculinidades são dinâmicas (CONNELL, 2000). São gestadas de acordo com circunstâncias históricas específicas que, quando se alteram, mudam também as configurações de gênero. Um processo de ajuste constante que é movido pelas (e também é motor das) modificações nos variados contextos sociais. Uma boa parte dessas modificações ocorre nos/pelos corpos e no tipo de investimento que fazemos sobre eles.

1.2 BIOASCESES, BIOIDENTIDADE, BIOPOLÍTICA

Se durante muito tempo os cosméticos figuravam como remédios para tratar a feiúra (SANT'ANNA, 1995), espécie de tecnologia rudimentar para o embelezamento

daqueles que não foram agraciados pela natureza, hoje existem tecnologias mais sofisticadas que permitem uma mudança mais substancial do arcabouço corporal: próteses, implantes, anabolizantes entre outras, que permitem a cada um/a ter o corpo que quiser. Ou, pelo menos, muito próximo disso.

Paula Sibília (2002) se apoia no sociólogo português Hermínio Martins para distinguir duas formas de intervenções sobre o corpo: uma prometéica e outra fáustica. A primeira está baseada no mito do titã que roubou o fogo dos deuses e o entregou à humanidade; a segunda está centrada na figura do mago que fez um pacto com o Diabo. Ambas funcionam no texto de Sibília (2002) como aproximações metafóricas dos investimentos das ciências sobre o corpo. Se o primeiro possibilitou o acesso dos/as mortais à tecnologia pela tecnologia, também serviu de advertência contra a arrogância da humanidade em sua tentativa de se apossar das prerrogativas divinas, o segundo, em sua ambição irrefreável pelo conhecimento ilimitado, compactuou com o Diabo e perdeu o controle das energias de sua própria mente.

No primeiro grupo, o de tradição prometéica, o desejo de conhecimento e intervenção sobre a realidade se funda no domínio da natureza e na convicção de que há limites ao que pode ser conhecido, feito e criado. Inserem-se nesta perspectiva todas aquelas iniciativas destinadas a aperfeiçoar o que é dado pela natureza sem, no entanto, intervir em sua configuração. A produção dos corpos se dá pelo treinamento, pelos cuidados com a alimentação e o repouso e, eventualmente, pela utilização de substâncias destinadas a aumentar as potências do organismo; potencialização do que já existe, instrumento analógico para a dominação de uma natureza dada (Sibília 2002).

Já na tradição fáustica, o desejo é o de superar as condições que a natureza oferece, transformando-a de acordo com os interesses humanos; ir além do que já existe, pensar o impensável. E criá-lo. Aqui se juntam os avanços das biotecnologias que tentam produzir um corpo perene, imortal, um ser humano na versão 2.0 (KURZWEIL, 2009).

Aperfeiçoado pela ciência, ou por ela remodelado, o fato é que o corpo contemporâneo substituiu a alma como a sede da subjetividade (SANT'ANNA, 2005)

e, portanto, é sobre ele que se voltam todos os cuidados e preocupações. A essa série de investimentos sobre o corpo Francisco Ortega (2005) chamou de *bioascese*.

As práticas ascéticas, como diz Harpham em citação de Ortega, são “o elemento ‘cultural’ da cultura” (2005, pg.140), o vetor que permite a comparação e a comunicação entre elas e está presente nas mais diversas sociedades sem uma especificação histórica ou geográfica. A ascese implica um processo de subjetivação, um exercício sobre a vontade com o objetivo de abandonar uma forma de ser e viver para atingir outra que é considerada ideal. O exercício da ascese é um processo que ao mesmo tempo individual e social, uma vez que visa uma reestruturação das relações sociais, mesmo para aqueles que buscavam a solidão, pois ainda assim dependiam do suporte comunitário e também atuavam como mediadores e conselheiros (ORTEGA, 2005). Nos antigos processos ascéticos o corpo era submetido a um regime de supressão dos prazeres como forma de elevação espiritual:

Nessas práticas do *self*, o corpo possui sempre um valor simbólico, na base da constituição de um *self* dono de si, que mediante as práticas de ascese corporal, legitimava-se para se ocupar dos assuntos públicos, atingir um conhecimento de si ou de se auto-anular na procura do acesso a Deus (ORTEGA, 2005, p. 151).

Já nas ascèses contemporâneas não há uma busca de elevação espiritual ou de purificação da alma. O objetivo é o corpo, um fim em si mesmo, e não um meio através do qual a ascese acontece. Toda a disciplina que as ascèses atuais exigem tem como fim último a externalização da subjetividade, uma reinvenção do corpo como objeto para a visão (ORTEGA, 2003), pois agora é ele que ancora a identidade:

De qualquer maneira, investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens e mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidade (LOURO, 1999, pg.15).

Ortega (2003; 2005) desenvolve um conceito de identidade articulado ao conceito de biopolítica e expõe um deslocamento da biopolítica estatal clássica e sua necessidade de produção da intimidade - tendo como vetor de exercício do poder a sexualidade - para as biopolíticas contemporâneas, onde o corpo ocupa o lugar central. São as bioidentidades, que estão substituindo critérios de agrupamento da antiga biopolítica como raça, classe e orientação política pelos novos critérios de saúde, performance corporal, doenças específicas e longevidade da biopolítica contemporânea (ORTEGA, 2005).

Nesta perspectiva, os corpos que dão suporte a bio-identidades não podem mais ser considerados como corpos que meramente expõem “um título ou uma função estampados [como] em um cartão de visitas” (MALYSSE, 2002, pg. 131) e mostram o que cada um/a é e sim como um currículo que mostra o que cada um/a já fez e ainda faz sobre ele. Um corpo “malhado”, “sarado” não apenas mostra seus músculos bem desenvolvidos, também carrega outras marcas, outros signos: assim como a orelha ralada identifica os *pit-boys* que praticam jiu-jitsu (FRAGA, 2001), as linhas musculares que delineiam os contornos do corpo dizem do treinamento e das restrições às quais esse corpo se submete da autoperitagem a que se subordina e das técnicas com as quais se autoproduz.

Investimentos de uma economia política sobre o corpo não são uma novidade na cultura ocidental. Foucault (1988) os identificou na transição das pré-modernas sociedades de soberania para as sociedades disciplinares, momento em que se constituiu um poder-saber primeiro sobre o corpo e depois sobre a espécie humana.

Nas sociedades de soberania, o poder do soberano somente se exercia na medida em que ele poderia condenar seus súditos à morte, seja nas guerras para defendê-lo ou pela aplicação da pena capital. O poder sobre a vida era limitado e pouco intenso, porém absoluto e definitivo, pois consistia justamente em determinar seu fim; “... no interstício deste magno poder de morte, o soberano simplesmente deixava viver.” (SIBÍLIA, 2002, p.162). Tal exercício não era compatível com a razão de existência do Estado, que deveria, acima de tudo, proteger a vida de seus súditos, e dessa compreensão surgiu uma nova dinâmica de poder que foi a marca das sociedades industriais: um poder sobre a vida, que Foucault chamou de

biopoder, e que se estruturou, a partir do século XVII, em dois vetores principais: a administração dos corpos e a gestão calculista da vida.

O primeiro, que Foucault identificou como uma anátomo-política do corpo humano, via o corpo como máquina e dele objetivava extrair o máximo de suas forças, tornando-o ao mesmo tempo útil e dócil. Fundava-se nas disciplinas, "... métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade." (FOUCAULT, 1999, p.118), e valia-se de procedimentos pelos quais se garantia a inserção dos indivíduos num campo de visibilidade que possibilitava o controle de suas atividades nas escolas, nas fábricas, nos quartéis, hospitais e prisões, as instituições que mais contribuíram para o desenvolvimento das disciplinas.

O segundo vetor, a biopolítica da espécie humana, desenvolveu-se não como um substituto do primeiro, e sim como uma nova possibilidade a partir do que já existia, um refinamento do exercício de um poder que já se instalara:

A aparição histórica das biopolíticas foi levemente posterior a dos aparelhos disciplinadores, devido à sua complexidade centralizada no aparato estatal, mas suas estratégias só puderam se 'incrustar' na população graças ao trabalho prévio de disciplinamento operado nos corpos individuais (SIBÍLIA, 2002, p.161).

Dirigia-se não mais ao homem-corpo e sim ao homem-espécie e fundava-se na gestão dos processos biológicos inerentes à vida: os nascimentos, a mortalidade, a duração da vida e o nível de saúde e somente tornou-se possível na Modernidade graças aos conhecimentos científicos baseados na observação e no exame (medir, avaliar, classificar, hierarquizar) e no seu processamento por meio dos novos saberes como a estatística e a demografia. Esse tipo de conhecimento - e, portanto de poder - sobre a vida da espécie humana permitiu uma gestão racional da população enquanto recurso indispensável para o crescimento do capitalismo, dela extraíndo o máximo de suas forças com o mínimo de custos, controlando "os diversos fatores de subtração de forças e diminuição do tempo de trabalho dos cidadãos, bem como a redução dos custos ligados aos eventuais tratamentos médicos" (idem, p.162).

Nesse momento, a Europa viu florescerem os métodos ginásticos que mais tarde atravessaram o Atlântico e forneceram as bases para o surgimento da Educação Física no Brasil. Na França, na Alemanha, na Suécia, para citar apenas os mais famosos métodos desenvolvidos nesse período, a racionalidade científica instituiu uma nova forma de relacionamento com o corpo, que condenava os movimentos lúdicos como os do circo e instituiu uma movimentação baseada no balanço energético: gastar energia somente de forma correta, científica, que aumentasse a capacidade de utilizá-la no trabalho e nas batalhas (SOARES, 1998).

“Plástico, moldável, inacabado, versátil, o homem tem-se configurado de diversas maneiras pelas histórias e pelas geografias”, diz Paula Sibília (2002, p.10), e formas peculiares de configuração dos corpos – e das subjetividades – continuam sendo tecidas nesses tempos em que a Geografia foi minada pela informática e pelas telecomunicações - hoje é possível *estar* em diversos lugares do mundo através da Internet sem sequer sair de casa – e a História já teve seu fim decretado pela pós-modernidade – o abandono da ideia do tempo como um fluxo linear e constante que nos condena a experimentar um “presente inflado” (SIBÍLIA, 2008). Formas essas que não mais dão existência aos corpos dóceis das modernas sociedades disciplinares, baseadas no confinamento, na distribuição espacial e na ordenação temporal, e sim configuram os corpos das sociedades de controle (DELEUZE, 1992) através de métodos cada vez mais sofisticados e sutis – e ainda assim eficientes.

As sociedades do capitalismo pós-industrial engendram estratégias de controle muito mais sutis e sofisticadas e nem por isso menos (ou talvez, justamente por isso, ainda mais) eficientes. Não se trata de um abrandamento no controle ou de suavização das sujeições; não um acréscimo nas liberdades: o “novo monstro” de Deleuze substitui os grandes meios de confinamento pelos meios de comunicação, a minuciosa ordenação espaço-temporal dos corpos pela livre circulação e disseminação da informação, o recluso interior dos quartos, celas e salas de aula pelos espaços abertos ao ar livre. Para dar conta do antigo biopoder, uma nova biopolítica:

[Nas sociedades de controle]... o poder é exercido de uma forma muito mais fluída e envolvente, pois não depende diretamente dos meios de confinamento nem da vigilância direta para atuar sobre os corpos e regular a vida, mas da circulação constante de informações que pautam decisões, assombram escolhas e ativam nos corpos determinados estilos de vida. Pode-se dizer que passamos de uma *biopolítica analógica* que deu solidez às sociedades disciplinares a uma *biopolítica informacional* que dá vazão às sociedades de controle (FRAGA, 2006, p.72).

Fraga identificou o novo *modus operandi* do biopoder em seu estudo sobre o programa Agita São Paulo e sua cruzada contra o sedentarismo da população. Um dos pontos centrais deste programa é a disseminação da informação sobre a importância da atividade física e os malefícios decorrentes do sedentarismo e, principalmente, como a atividade física pode ser diluída nas atividades cotidianas: fazer faxina, cuidar do jardim, descer do ônibus dois pontos antes do destino e caminhar até lá. Qualquer atividade que, ao final do dia, resulte no acúmulo de pelo menos 30 minutos de “agitação”. Uma pedagogia da vida ativa que se sustenta numa contabilidade de si:

O que importa é contar o tempo e incluir cálculos sobre o consumo energético no repertório de situações cotidianas, estabelecer correlações entre a movimentação corporal diária, o tempo dedicado à atividade e a quantidade de calorias despendidas ao longo do dia, da semana, ao longo da vida (idem, p.31).

Já no outro lado da equação, resta ao sedentarismo a morbidez, os infartos, derrames, cânceres e outras doenças ligadas à falta de atividade física e é justamente sobre essa morbidez do sedentarismo que o estilo de vida ativo ganha importância.

O Agita São Paulo potencializa esse contraste através da divulgação das doenças causadas pelo sedentarismo e o faz através dos números, os quais o programa destaca para torná-los assustadores: dois milhões de mortes por ano em todo mundo e altos percentuais de causa para diversas doenças que podem levar à morte. O estilo de vida ativo é o bem, o herói, enquanto o sedentarismo é o mal, o monstro, a praga que deve ser extirpada a qualquer custo. E o processo de eliminação do sedentarismo passa pela circulação da informação:

Fazer circular informações sobre os benefícios da vida ativa e os malefícios da vida sedentária passou a ser a arma mais valiosa no combate a essa praga sorrateira que lentamente envenena o corpo e enfraquece a alma (idem, p.24).

É essa “pedagogia do terror”, que se sustenta com a disseminação dos malefícios do sedentarismo, que cria a necessidade de se tornar saudável. A informação é, portanto, o próprio sistema de controle (FRAGA, 2006).

No surgimento do biopoder, ele estava indissociavelmente ligado ao Estado e a ele servia, pois o cuidado com a vida da população era necessário para garantir a riqueza da nação. O próprio programa Agita São Paulo, mesmo não sendo um programa estatal, foi elaborado para ser “vendido” ao Governo de São Paulo. Nos últimos anos do século XX e no alvorecer deste século XXI, observa-se uma privatização das biopolíticas (FELDMAN, 2008), que não mais servem exclusivamente aos interesses do Estado e passam a atender às demandas do mercado. Não é apenas em nome do Estado que a biopolítica informacional governa os corpos, mas também em nome de um mercado ávido para vender tudo o que for necessário aos interessados: mudam os objetivos, permanece a mesma estratégia.

Transposto para outro contexto que não aquele a partir do qual foi criado, o conceito de biopolítica informacional permite identificar o exercício do biopoder sobre um corpo que não é aquele saudável do estilo de vida ativo. Vou me valer de duas imagens aqui que considero exemplares para identificar o exercício biopolítico do poder através da circulação de informações⁷, pois é nelas que se materializa esse exercício.

O primeiro passo é a criação de um “contexto de vantagens irrefutáveis” (MEYER, 2000; FRAGA, 2006), o cobiçado prêmio que está reservado aos fiéis seguidores. Na segunda imagem apresentada na introdução, o cartaz da Universal Nutrition, é o corpo musculoso e bem definido que aparece como a recompensa e na anterior, a capa da revista Men’s Health, um corpo um pouco menos *malhado*, porém ainda adequado aos padrões contemporâneos de corpo masculino, e que é complementado pela insinuação de outro prêmio, o corpo feminino que aparece junto a ele.

⁷ Importante lembrar que a informação não circula somente através dos textos escritos, pois a imagem pode ser lida como um texto e, portanto, também faz circular informação.

O segundo passo é o posicionamento dos “infiéis” no lado oposto da equação, é mostrar o que está reservado aos que não aderem ao estilo de vida que, por não ter encontrado uma palavra melhor para definir, vou chamar de *marombeiro*. Na primeira imagem esse posicionamento é bastante sutil; o corpo que não se acomoda ao ideal não aparece, é relegado à invisibilidade e ao ostracismo, penas máximas das sociedades contemporâneas onde se tornar visível, aparecer, ser visto e admirado é o imperativo primeiro (FELDMANN, 2008). Já na capa da revista, a mensagem mais importante é outra: *malhar*, construir o corpo de forma a deixá-lo sarado, é o único modo de agradar ao sexo oposto e obter sucesso no campo da conquista amorosa/sexual. “Quem não *malha* não pega mulher”.

Por fim, o elemento que liga os anteriores e que informa o que fazer para associar-se a um e fugir do outro: a contabilidade de si, que é o exercício que o indivíduo faz sobre si próprio para controlar o seu “balanço energético”: a quantidade de calorias ingeridas, o gasto energético diário, o grupo de macronutrientes que prevaleceu em cada refeição e outros (FRAGA, 2006) A capa da Men’s Health já é explícita e o conteúdo da revista ainda mais na divulgação de quanto e como treinar, do quanto e como beber, das formas adequadas de descansar. O cartaz, mais uma vez, é mais sutil e refinado na divulgação na informação, pois não diz explicitamente o que fazer, porém estimula o tempo todo a adesão ao estilo de vida e o comprometimento com a produção do corpo.

1.3 MUSCULAÇÃO COMO PRÁTICA DE GOVERNO

Nesses tempos em que o corpo é a encarnação da identidade e o depósito das ansiedades individuais sobre a adequação ao mundo que nos cerca (MISKOLCI, 2006), a musculação tem se firmado como a prática privilegiada de produção dos corpos masculinos e femininos que tentam se adequar a padrões cada vez mais exigentes de forma e peso. A musculação é fruto de um longo processo de educação dos corpos e, embora seja possível situar com certa precisão os momentos em que essa prática se tornou mais importante em determinados contextos (como, por exemplo, na segunda metade do século XIX na Europa e nos Estados Unidos ou nos anos finais do século XX e iniciais do século XXI, nesse

momento já em escala global), passa a ser importante compreender alguns dos movimentos que a constituíram da forma como hoje a conhecemos.

A musculação e outras formas contemporâneas de construção dos corpos são devedoras dos gregos e sua ginástica, porém, guardam muito mais semelhanças e pagam tributos ainda maiores a outros processos de educação dos corpos, cujo surgimento pode ser situado na Europa durante a Alta Idade Média. Nessa época, surge um gênero literário composto pelos Manuais de Boas Maneiras, de Civilidade, de Pintura e de Higiene que, se não se preocupa exatamente dos corpos e de suas anatomias e fisiologias, esboça os registros iniciais de uma tentativa de policiamento, de controle e de contenção que tem no corpo sua ancoragem (SOARES, 2010). Conter-se à mesa, não cuspir, não escarrar e não satisfazer as necessidades corporais em público são as primeiras recomendações de uma educação do corpo que busca contê-lo, impedindo a manifestação de suas necessidades fisiológicas em determinados locais ou na presença de mais pessoas ou, quando o permite, de forma bastante definida pelas nascentes boas maneiras.

Outros movimentos foram feitos nesse longo processo de educação dos corpos, e é preciso pensar neles não como uma sucessão de eventos interligados em que um é consequência do outro, mas como respostas independentes a uma mesma questão que guardam, como maior semelhança entre si, a tentativa de controlar e conter os corpos.

Uma dessas tentativas de controle e contenção se deu via ginástica racional de inspiração científica, cujo objetivo era livrar-se dos movimentos que foram, à época, considerados inúteis e incorretos, sendo realizados, por exemplo, por artistas circenses e de rua (SOARES, 1998). Corpos de uma normalidade utilitária em que eram abolidos todos os “usos do corpo como entretenimento, como simples espetáculo, pois trazia como princípio a utilidade de gestos e a economia de energia” (idem, p.23), posto que destes corpos se exigiria uma contribuição ao desenvolvimento da nação.

Outra destas tentativas de conter tanto os corpos e suas movimentações desnecessárias e indesejadas quanto os gestos para não demonstrar os tormentos da alma, foi a difusão de um ideal de comportamento cortês do *gentleman* que pratica esportes (VIGARELLO & HOLDT, 2009). Na Inglaterra do século XIX,

quando o esporte correspondia a objetivos morais, sociais e ideológicos, a virtude a ser exaltada era a elegância das posturas e dos movimentos durante a prática, o autocontrole e o *far-play*. O esporte foi visto como um canalizador de energias, inclusive sexuais, e os alunos das escolas mais tradicionais jogavam futebol e rúgbi no outono e no inverno, enquanto os esportes do verão eram o críquete e o atletismo.

A busca de um corpo reto, de porte rígido e elegante alinhado verticalmente foi um dos objetivos da ginástica científica (SOARES, 1998; SOARES; FRAGA, 2003) e também encontrou eco em outras práticas. Num corpo compreendido como máquina e explicado como um sistema mecânico de polias e roldanas, a retidão e a verticalidade já foram perseguidas pelo uso de aparelhagens artificiais como tutores, corpetes e espartilhos, “prolongamento[s] de uma mão sonhando com a soberania suprema sobre o crescimento dos corpos” (VIGARELLO, 1995).

Comparada a estas outras práticas, a musculação pode ser percebida como o ponto alto da eficiência do controle sobre o corpo. E quando eu falo em controle, faço referência tanto aos movimentos controlados que sua prática exige – gestos curtos, repetitivos, trajetórias constantes, praticamente sem interferências externas - quanto ao controle biopolítico que incita os corpos a optar por ela. Construído em sessões infundáveis e repetitivas de treinamento, o corpo do fisiculturista e do marombeiro, os corpos nomeados como “definidos”, “sarados”, “malhados” ou “bombados” são corpos criados para não se movimentarem em locais e tempos que não sejam aqueles do treinamento. Como se internalizassem tutores e espartilhos através do crescimento dos músculos, os corpos hipertrofiados construídos para serem vistos e admirados, desejados e consumidos apenas pelo olhar, são corpos nos quais os gestos se confundem com posturas estáticas. Não há que se controlar gestos que podem manifestar as imperfeições e os tormentos da alma, visto que toda a prática, pelas suas próprias características, busca a supressão dos movimentos; movimentos não são mais necessários, a não ser aqueles que colaboram para o crescimento dos músculos. Paradoxo do marombeiro: corpos que treinam até seis horas por dia são, no fundo, corpos construídos para a inércia, para o não-movimento.

Além de inertes, são corpos construídos por processos de individualização cada vez mais sofisticados. O marombeiro é um ser que vive só, no “exílio confortável, macio e perfumado [de seu próprio corpo], um templo no qual amigos e inimigos são dispensáveis” (SANT’ANNA, 2005, p.108); suas práticas bioascéticas não colaboram com o bem-estar dos habitantes da cidade, não denotam amor pelo mundo, sequer são coadjuvantes do esforço coletivo de uma equipe que pratica algum esporte. Os corpos “sarados” são construídos única e exclusivamente para si, para satisfação pessoal de seu desejo.

1.4 MASCULINIDADES *IN STRICTO SENSU*

O início de qualquer trabalho de pesquisa requer um diálogo com o que já foi produzido no campo por dois motivos principais. Conhecer o que já foi escrito sobre o tema serve, em primeiro lugar, para evitar que o pesquisador seja obrigado a “reinventar a roda” a cada novo trabalho, apoiando-se na literatura existente para fortalecer sua base teórica e delinear seu estudo de forma mais consistente e coerente com a área em que está inserido; em segundo lugar, oferece a possibilidade de demarcar a originalidade do trabalho.

Aqui é importante que se faça uma distinção entre originalidade e ineditismo para que ambos não se confundam. Um trabalho de pesquisa pode ser original mesmo que seu tema seja compartilhado com outros trabalhos e até mesmo quando problemas de pesquisa e objetivos são semelhantes. A originalidade está na abordagem de cada pesquisador, nas escolhas metodológicas que faz, na forma como olha e escuta seus/suas colaboradores/as. O antropólogo Guilherme José da Silva e Sá (2005), refletindo sobre o trabalho de campo que realizou junto a um grupo de primatólogos num texto instigante desde o título, “Meus macacos são vocês”, diz que a etnografia é resultado “das ações do etnógrafo, das ações dos nativos e do imponderável” (p.49) e sustenta seus argumentos com base em Seeger (1980):

O material etnográfico sobre o qual a Antropologia trabalha é quase sempre o resultado da atividade singular do pesquisador no campo, num momento específico de sua trajetória pessoal e teórica, de suas condições de saúde e do

contexto dado, e essa atividade é exercida sobre um grupo social que se encontra num certo momento de seu próprio processo de transformação (SEEGER, 1980, p.25).

O conhecimento – e principalmente o conhecimento de vertente antropológica – é um conhecimento local, relativo a um determinado grupo e a um determinado momento histórico deste grupo. Digo isso porque a pesquisa em bases de dados recuperou uma dissertação de mestrado cujo tema, problema e objetivos eram deveras semelhantes aos deste trabalho. O que poderia parecer um transtorno revelou-se na verdade uma mola propulsora para a realização deste estudo, pois serviu tanto para reafirmar a importância de tentar compreender as conexões entre a produção das masculinidades e as práticas corporais quanto para fornecer subsídios teóricos para as decisões metodológicas que foram tomadas.

A pesquisa em bases de dados foi dividida em dois locais e em dois momentos. Num primeiro momento, em quinze de abril de 2011, foram buscados artigos referentes ao tema do estudo na Biblioteca Virtual em Saúde e no SciELO, sendo que essa busca por artigos foi repetida em oito de maio através do Portal de Periódicos da Capes, ampliando o número de bases de dados pesquisadas para incluir, além das já citadas, MEDLINE, SCOPUS, SPORTDiscus e *Web of Science*. Além disso, foram pesquisados, nas mesmas datas, os Programas de Pós-Graduação nos quais existe uma linha de pesquisa de gênero para dar conta das teses e dissertações produzidas sobre o tema.

O critério de busca foi o termo masculinidade (e sua variação masculinidades) e o termo foi utilizado em todos os campos, selecionando artigos, teses e dissertações em que ele aparece no título ou entre as palavras-chave. O critério de aproveitamento para definir quais textos seriam aproveitados foi estabelecer uma relação entre a construção das masculinidades e as práticas corporais, embora também seriam considerados aqueles trabalhos que relacionassem masculinidades e outras práticas de cuidado como alimentação, por exemplo.

Alguns trabalhos foram selecionados mesmo que não tivessem correspondido ao critério de aproveitamento, pois tratam de temáticas semelhantes à investigação empreendida. São exemplos deste grupo o artigo de Miriam Goldemberg (2005), GÊNERO E CORPO DA CULTURA BRASILEIRA, publicado na revista de Psicologia

Clínica e o trabalho de Marion Arent e Sérgio Carrara (2008), *GÊNERO, SEXUALIDADE E CORPO: ETNOGRAFIA EM UM CLUBE DE MULHERES*, da Psico, Revista da Faculdade de Psicologia da PUCRS.

Na Biblioteca Virtual em Saúde a pesquisa com o termo Masculinidade resultou em 7194 registros, o que determinou a necessidade de limitar a abrangência da pesquisa através da combinação dos termos masculinidade e corpo, o que restringiu a 92 artigos. Foram excluídos os trabalhos que se detiveram em aspectos biológicos da masculinidade como, por exemplo, proporção de nascimentos de meninos e meninas correlacionada aos nascimentos de machos e fêmeas entre não-humanos e um trabalho que correlacionou a ordem de nascimento com a dominância lateral e a orientação sexual entre meninos. A pesquisa pelo termo no plural, masculinidades, apontou registros diferentes dos listados na busca com o termo no singular.

Na base de dados SciELO, também no dia quinze de abril, a busca por masculinidade resultou em 40 registros. Assim como na Biblioteca Virtual em Saúde, muitos dos artigos que utilizam o termo masculinidade no título ou nas palavras-chave são resultados de estudos na área da Biologia e versam sobre reprodução, direitos reprodutivos, saúde reprodutiva ou então paternidade. Embora nenhum artigo tenha atendido ao critério de aproveitamento, selecionei mais nove trabalhos para leitura posterior. Ainda no SciELO, a pesquisa por masculinidades resultou em três trabalhos diferentes daqueles encontrados com o termo no singular.

Também foram consultadas bases de dados em outras áreas que não a Educação Física. Na Educação, as bases *Education Resources Information Center* (ERIC) e SAGE; na Antropologia, as 28 bases de dados disponíveis no Portal de Periódicos da Capes. Nessas bases foram encontrados alguns registros duplicados, que já constavam nas bases anteriormente pesquisadas e alguns trabalhos sem muita relevância para este estudo. Assim, essa pesquisa por artigos nas bases de dados indicadas não resultou em nenhum registro que tenha atendido plenamente aos critérios de aproveitamento.

Outras importantes fontes de material para delimitar o estado da arte de qualquer campo de estudo são as teses e dissertações. Optei por pesquisar nos bancos de dados digitais das universidades brasileiras que possuem programas de

pós-graduação nas áreas de gênero e sexualidade⁸. A pesquisa nos bancos digitais de teses e dissertações e também nos catálogos das bibliotecas destas universidades recuperou 180 registros com o termo masculinidade em seu título ou palavras-chave, dos quais apenas 35 foram aproveitados. Destes, apenas seis foram selecionados para compor a revisão de literatura num primeiro momento e os demais, assim como alguns dos artigos, salvos em formato PDF para leitura posterior.

O Repositório Digital de Teses e Dissertações da UFRGS (LUME) foi o mais prolífico. Dos dezesseis trabalhos selecionados no LUME, três relacionam a construção das masculinidades com práticas corporais e um com as torcidas de futebol, todos apresentados ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

O primeiro destes trabalhos foi a dissertação de Luis Orestes Pacheco, intitulada COMO O TRADICIONALISMO GAÚCHO ENSINA SOBRE MASCULINIDADES e foi defendida em 2003. Neste trabalho o autor analisa como o movimento tradicionalista gaúcho, através do que ele chamou de Pedagogia Tradicionalista, ensina aos meninos freqüentadores dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG"s)⁹ as formas de ser homem de acordo com os valores de uma tradição das zonas rurais da campanha gaúcha do século XIX que é, nesses ambientes, tida como um ideal a ser preservado.

Os dois outros trabalhos selecionados são estudos sobre o universo masculino na dança: UM JEITO MASCULINO DE DANÇAR: PENSANDO A PRODUÇÃO DAS MASCULINIDADES DE DANÇARINOS DE HIP-HOP, de Éderson Costa dos Santos e REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NA DANÇA

⁸ UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; UFPEL, Universidade Federal de Pelotas; UFSM, Universidade Federal de Santa Maria; UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina; UFPR, Universidade Federal do Paraná; USP, Universidade de São Paulo; UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas; PUC Campinas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas; UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro; UERJ, Universidade Estadual do Rio de Janeiro; UFES, Universidade Federal do Espírito Santo; UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais; UFBA, Universidade Federal da Bahia; UFPB, Universidade Federal da Paraíba; UFPE, Universidade Federal de Pernambuco; UFRN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte; PUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; ULBRA, Universidade Luterana do Brasil; UNISINOS, Universidade do Vale do Rio dos Sinos; UCS, Universidade de Caxias do Sul.

⁹ Os CTG's são locais onde se ensinam outros elementos da cultura gaúcha não exatamente corporais no sentido estrito do termo, como a música e a declamação. Entretanto, como se trata de uma instituição que desenvolve uma "Pedagogia Tradicionalista" (PACHECO, 2003) cujo currículo contempla práticas corporais como a dança e as provas de rodeio, decidi por incluir esse texto na revisão de literatura do projeto.

CONTEMPORÂNEA, DE Giuliano Souza Andreoli. Ambos graduados em Educação Física, o primeiro trabalho foi defendido em 2009 e o segundo em 2010.

O universo da dança é, na nossa cultura, um espaço eminentemente feminino e em ambos os contextos estudados os homens que se inserem neste ambiente precisam “negociar” sua participação – nos dois trabalhos é destacada a iniciação tardia, pois aos meninos não é estimulado ou mesmo peremptoriamente negado o envolvimento com a prática – e principalmente sua construção enquanto homens que dançam. O dançarino, seja de hip-hop ou de dança contemporânea, é um homem que tem questionadas sua sexualidade e sua masculinidade e que precisa constantemente afirmá-las. Enquanto no hip-hop a opção é pela execução de movimentos que demonstram força e virilidade, os bailarinos contemporâneos “colam” em si mesmos a masculinidade hegemônica - fundada no empreendedorismo, no espírito de independência e no sucesso econômico - pela ocupação de posições de poder como coreógrafo ou diretor de companhia.

A dissertação de Gustavo Andrada Bandeira (2009) não se refere à construção das masculinidades através de uma prática corporal, e sim nas torcidas de futebol dos dois principais clubes da capital gaúcha. Em EU CANTO, BEBO E BRIGO... ALEGRIA DO MEU CORAÇÃO: currículo de masculinidades nos estádios de futebol, o autor mostra como se dá a construção da masculinidade através da exaltação da virilidade, da força e da disposição ao confronto físico dos jogadores e dos torcedores do clube e também pela suspeição destes mesmos atributos na equipe e torcida adversária.

A dissertação de mestrado defendida por Marcelo Moraes e Silva junto ao Programa de Pós-Graduação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná em 2008 tem como título ENTRE A ILHA DESERTA E O ARQUIPÉLAGO: MAPEAMENTOS E CARTOGRAFIAS DAS PERCEPÇÕES DE PROFESSORES(AS) SOBRE AS MASCULINIDADES PRODUZIDAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA e, analisando as masculinidades que se constroem e se relacionam durante as aulas de Educação Física, concluiu que os professores percebem a existência dessas várias masculinidades que estão presentes nas aulas.

Por fim, no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, José Carlos Oliveira Chaves defendeu em 2010 a

dissertação intitulada CORPO SARADO, CORPO SAUDÁVEL? CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE DE HOMENS ADEPTOS DA PRÁTICA DA MUSCULAÇÃO NA CIDADE DE SALVADOR. O objetivo deste estudo foi descrever os cuidados com o corpo e analisar as concepções de saúde dos homens de classes populares da cidade de Salvador que frequentam academias de musculação. Através de um estudo etnográfico, o autor aponta para a opção por uma vida regrada como forma de evitar os excessos da vida mundana e de negar as masculinidades construídas pelo tráfico de drogas e pela violência, que, no entanto tolera os excessos ligados à prática de exercícios físicos e ao uso de substâncias anabolizantes para a fabricação e manutenção do corpo. Chaves trabalhou com um universo empírico bastante semelhante e com objetivos e questões de pesquisa praticamente idênticos aos que eu tinha formulado na elaboração do projeto. Se a primeira reação foi de frustração e desistência do tema, o processo de qualificação do projeto - a partir do qual empreendi uma reflexão mais profunda que resultou no amadurecimento das intenções de pesquisa – e as freqüentes conversas dentro do Polifes com os colegas e o orientador foram o incentivo necessário para acreditar na viabilidade do projeto de pesquisa que hoje se desdobra nesta dissertação. Há que se aprender a fazer do limão uma limonada, e a dissertação do José Carlos de Oliveira Chaves, longe de ser um entrave, revelou-se uma aliada.

Em primeiro lugar, por ratificar a importância do tema que ambos escolhemos sem termos nenhum tipo de contato pessoal ou acadêmico. Se um problema de pesquisa surge com a mesma configuração em locais tão afastados geográfica e culturalmente como Porto Alegre e Salvador, esse problema é relevante dentro do campo dos estudos das masculinidades e das práticas corporais. Em segundo lugar, CORPO SARADO, CORPO SAUDÁVEL transformou-se numa importante ferramenta para orientar tanto as escolhas metodológicas que serviram para formatar o campo de pesquisa quanto à revisão de literatura e as análises.

2. NA GUILDA DOS ALQUIMISTAS: A VILA, A ACADEMIA, OS HOMENS



Como já citado na introdução, várias possibilidades metodológicas foram pensadas para este trabalho durante a fase de elaboração do projeto e foi a etnografia mais “tradicional”, com a inserção do pesquisador no campo para conviver com os seus colaboradores, que eu considere a mais adequada para tentar responder às questões de pesquisa levantadas. No meu entender, compreender como se dá a produção das masculinidades entre um grupo de homens que praticam musculação numa dada academia exige a presença do pesquisador nesse ambiente¹⁰, convivendo com os seus colaboradores para tentar responder às suas próprias perguntas. Esse entendimento está de acordo com Bronislaw Malinovski, para quem os “truques” do etnógrafo que lhe permitirão compreender a dinâmica das interações entre os “nativos” envolvem um longo período de convivência com o grupo estudado e o acompanhamento das atividades “de perto” (citado por SILVA, 2006).

Essa convivência com os colaboradores do estudo, o trabalho de campo em si, é o momento privilegiado para o exercício de um dos principais objetivos da etnografia: conhecer as concepções de mundo presentes em cada cultura, pois é nela “que a alteridade, premissa do conhecimento antropológico, se realiza” (idem, p.25). Maria Cecília de Souza Minayo (1993) chama de exploração do campo o trabalho que o pesquisador deve fazer antes de sua inserção junto ao grupo, antes de iniciar o trabalho de campo propriamente dito e aponta quatro tarefas a serem executadas: a escolha do espaço, a escolha do grupo, o estabelecimento de critérios de pertencimento e a definição de estratégias de entrada no campo. Esta seção, dividida em quatro subseções, tem como objetivo apresentar a forma como foram cumpridas essas etapas prévias à incursão etnográfica que empreendi para conhecer um pouco da vida dos homens que frequentam a Academia da Vila e dos modos como interagem com as práticas corporais que lá cultivam.

¹⁰ De forma alguma estou diminuindo o valor de outras metodologias para compreender as dinâmicas internas de um determinado grupo. Como exemplo, cito a tese de Alexandre do Nascimento Almeida (2009), que aplicou conceitos derivados da Análise da Conversa Etnometodológica para analisar a construção de identidades de gênero a partir da fala-em-interação institucional na sala de aula e utilizou a observação participante e o registro em áudio e vídeo para gerar os dados de sua pesquisa.

2.1 UM NEGÓCIO DO “PEDAÇO”

A pesquisa foi realizada numa academia situada em um dos bairros da zona sul de Porto Alegre. Ao longo deste relatório, tenho chamado de Vila, sempre com inicial maiúscula, essa parte da cidade onde está localizada a Academia. Na cidade pequena onde eu nasci e me criei vila sempre teve um tom pejorativo, assim como seus correlatos vilão, vil, “vileiro” - esta última com um significado que transcendia “aquele que mora numa vila” e abarcava “aquele que não se comporta bem, que não tem bons modos, que não é bem-intencionado” -, mas é num sentido completamente oposto que eu emprego o termo. Vila, originada de *villa*, palavra romana cujo significado original era “casa de campo”, a propriedade que todo cidadão romano tinha nos arredores da cidade e que evoluiu para “pequeno aglomerado de vivendas”. O aglomerado de vivendas foi a primeira vista que eu tive da Vila, as casas muito próximas uma da outra. Além disso, em sua origem, a Vila era um local afastado do centro da cidade, área de mata virgem cortada por uma única estrada onde existiam várias chácaras e umas poucas construções.

A Vila foi elevada à categoria de bairro na metade do século XX, e atualmente comporta algo em torno de sessenta mil moradores/as. A maior parte deles trabalha fora dos limites da Vila, pois ela se caracteriza como um lugar essencialmente residencial que conta com pequenos empreendimentos comerciais. Um tipo de comércio cujo atendimento é feito pelos proprietários e familiares: pequenas lojas de roupas, mercearias, mercadinhos, padaria e outros tantos que se confundem com o comércio de rua. A mãe do Nicolas, que é o proprietário da Academia, é dona de uma loja de roupas no térreo do prédio onde ela mora (é o mesmo prédio no qual funciona uma espécie de anexo onde acontecem as aulas da arte marcial que originaram a própria Academia). Na loja da Dona Tereza, as roupas ficam expostas na calçada em araras e cabides que são recolhidos quando a loja fecha. Não existe um espaço interno onde os clientes possam circular para ver as roupas e escolher as que lhes interessam, pois a sala onde as peças são guardadas mal dá conta de acondicioná-las, dado o espaço diminuto. Esta espécie de “puxadinho comercial” é um artifício utilizado por outras tantas lojas espalhadas pela Vila para apresentar seus produtos aos consumidores.

Além das lojas, bares e mercadinhos que compõem o pequeno comércio da Vila e que criam uma “cenário contingente” durante o horário de funcionamento, a paisagem urbana da vila é constituída por casas baixas, um pavimento, às vezes dois e uns poucos prédios com três ou quatro andares. A Academia é uma construção térrea que fica numa das esquinas da principal avenida que corta a Vila, a casa do Nicolas (onde também moram sua mãe, a esposa e a filha), um prédio de três andares no meio da quadra, um dos mais altos das redondezas e que cumpre três funções diferenciadas: no térreo, a loja da Dona Tereza; o segundo pavimento é a moradia da família; no terceiro piso, uma sala de aula com espelho, um tatame improvisado e sacos de areia para o treinamento de socos e chutes. É a sala onde o Nicolas dá aulas da arte marcial da qual ele é mestre (faixa preta do quarto dan) e que eu utilizei como sala de entrevistas, por ser uma sala menos barulhenta do que a Academia.

As outras casas da Vila, além de baixas, são geralmente muito próximas umas das outras e quase todas muito perto da rua, as moradas invadindo os espaços que deveriam ser destinados à calçada. Na primeira vez que eu fui até a Vila, de carro, a sensação de dirigir pela avenida estreita e dividir o pouco espaço da faixa de rodagem com os pedestres e ciclistas que lá transitavam dá uma sensação quase claustrofobia. Os pedestres e ciclistas circulam pela faixa de rodagem porque o espaço que deveria ser da calçada foi tomado, em parte, pelas construções e a outra parte pelos artigos à venda nas lojas. Num dos dias em que fui de carro, um garoto consertava uma bicicleta no minguado espaço de calçada em frente à sua casa, que não tinha sido invadida pela alvenaria do prédio, obrigando os passantes a desviarem pela faixa de rodagem.

A invasão sobre as calçadas pode ser percebida logo que se entra na Vila e é mais intensa a partir da quarta e da quinta quadras desta avenida. A partir da sexta e da sétima¹¹ as calçadas são mais largas, voltando a estreitar nas quadras subseqüentes. Nessas duas quadras onde as calçadas são maiores, a única construção que destoia é o prédio onde funciona a Academia. O prédio original, onde a Academia funcionava à época da inauguração, respeitava o espaço destinado à circulação dos pedestres, porém duas alterações posteriores aumentaram o espaço

¹¹ A Academia fica na esquina entre a sétima e a oitava quadra desta avenida.

interno e diminuíram consideravelmente o espaço da calçada. O primeiro avanço aumentou o espaço destinado aos aparelhos de musculação em aproximadamente um metro e o segundo, tempos depois, aumentou em mais um. Esse segundo foi consumado de forma mais precária, com a colocação de estruturas de metal para sustentar as placas de vidro transparente que foram escolhidas atendendo a dois critérios de praticidade e economia, pois além de serem facilmente removíveis em caso de exigência por parte dos órgãos de fiscalização, evitam a necessidade de refazer o *layout* da Academia, uma vez que não encobre o nome, as informações de contato e os desenhos que estão pintados na parede do prédio original.

A entrada da Academia é feita por uma porta de vidro, no centro dessa parede transparente que marca os novos limites do prédio depois da segunda invasão sobre a calçada. Embora a disposição dos equipamentos internos tenha sofrido diversas alterações nas primeiras semanas da pesquisa de campo, um *layout* que me parece definitivo foi fixado por volta de outubro. Ao entrar na Academia, à direita, há um banco onde são deixadas as mochilas, bolsas e outros pertences dos/as frequentadores/as; à esquerda, um banco para exercícios abdominais, supino e outros exercícios com barra ou halteres; estes dois bancos configuram o espaço da segunda ampliação.

A segunda parte da Academia corresponde à primeira ocupação da calçada, mas isso somente é perceptível quando se conhece a história do prédio, já que não existem indícios evidentes desse processo de “tomada de posse” em dois momentos distintos (eu mesmo só percebi depois que o Nicolas me informou). Nesse espaço ficam localizados o balcão dos suplementos alimentares e a secretaria da Academia. No balcão dos suplementos, à direita de quem entra, ficam expostas as embalagens dos mais variados pós que vão se transformar em shakes e sucos que são ingeridos antes, durante e depois dos treinos. À esquerda, um balcão baixo em formato de L, de vidro transparente, deixa às vistas de todos os CD's e DVD's (pirateados), as bijuterias e algumas barras de chocolate que são comercializados na Academia. Sobre o balcão há um arquivo do tipo fichário para organizar os documentos em ordem alfabética. Nesse arquivo é que ficam guardadas as fichas com os dados dos/as alunos/as matriculados/as e também dos que deixaram de frequentar a Academia há pouco tempo. Sobre esse mesmo balcão ficam o computador, a impressora e o terminal para pagamento com cartão; o computador geralmente

estava desligado, pois o funcionamento da Academia não depende dele – computador e impressora somente eram ligados quando alguém solicitava os serviços de impressão de documentos, fax ou fotocópia; mais ao fundo, parcialmente escondido pelo monitor do computador, ficava um desses terminais para pagamento com cartões de crédito ou débito, onde eram feitas as cobranças relativas às vendas dos complementos e suplementos alimentares. As mensalidades e os demais produtos vendidos pela Academia eram cobrados em dinheiro, sem a possibilidade de pagamento através do cartão.

Mesmo com essa investida sobre a calçada, o espaço para os aparelhos de musculação é exíguo e eles ficam amontoados na sala principal da Academia, que corresponde à construção sem as ampliações posteriores. Nessa sala, os equipamentos de musculação estavam dispostos em formato de U, com duas fileiras de aparelhos muito próximos um do outro e separadas por um corredor estreito. A distância entre os aparelhos nessas fileiras era tão curta que dois aparelhos que estivessem um ao lado do outro não poderiam ser utilizados ao mesmo tempo. No fundo do U, voltado de frente e na mesma direção da porta da Academia, um aparelho ocupava a posição central, reinando soberano sobre todos os outros: o banco para supino inclinado, que desenvolve a musculatura da região peitoral e é um dos preferidos pelos frequentadores.

Além desse amontoado de aparelhos em forma de U, havia outra fileira à direita, com menos equipamentos que as outras duas, já que, no canto direito da sala principal, ficava localizado o pequeno banheiro da Academia. Nessa fileira ficavam as duas esteiras e a bicicleta ergométrica, diferente dos outros espaços onde estavam dispostos somente os equipamentos para os exercícios com pesos e era um espaço mais freqüentado pelas mulheres do que pelos homens. A disposição dos equipamentos delimita dois espaços diferenciados dentro da Academia, um para o treino de força e outro para o treinamento aeróbio. Essa “geografia do trabalho muscular” (SABINO, 2004) pode ser encontrada em outras academias (TORRI, GISELE et alli, 2007) e configura um espaço mais freqüentado pelos homens e outro pelas mulheres e essas preferências ficaram evidentes durante as minhas visitas para observação, durante as quais raramente encontrei homens no espaço aeróbio. A única exceção era o Michel, que sempre iniciava seus treinos de força com alguns minutos na esteira ou na bicicleta ergométrica: “Esses meninos não gostam de

aquecimento, acham que não precisa, mas eu sempre faço uma corridinha antes de ‘malhar’” (Diário de Campo, dezembro de 2011).

O último equipamento adquirido pela Academia foi uma plataforma vibratória que, segundo o fabricante, é capaz de queimar mais calorias do que qualquer outro exercício aeróbico. A chegada do aparelho foi motivo de muitas brincadeiras e todos (inclusive eu) foram convidados a experimentar a novidade. O aparelho é incômodo, provoca tremores contínuos no corpo todo, dos pés às bochechas, mas fez muito sucesso entre as poucas mulheres que freqüentavam a Academia, um sucesso decorrente muito mais da veiculação dos comerciais sobre o aparelho na televisão do que do alcance dos objetivos por parte das usuárias. Quando ao Michel, apesar de sua preocupação com exercícios aeróbios para aquecer antes do treinamento com pesos, jamais utilizou este aparelho, restringindo-se à esteira e à bicicleta.

A Academia existe há mais de 10 anos e é dirigida pelo proprietário, que é mestre de arte marcial e treina a equipe de competição desta arte, além de orientar os praticantes de musculação da academia. Devido às aulas da arte marcial, que obrigam o Nicolas a se ausentar por longos períodos durante o dia, um freqüentador, Fausto, o auxilia na orientação dos praticantes. Em virtude de um pedido do proprietário, assumi o compromisso de não divulgar o nome do estabelecimento, pois ele prefere que o conhecimento de algumas características da academia não ultrapassasse o limite do bairro onde ela está localizada. Da mesma forma, todos os colaboradores do estudo foram chamados por pseudônimos a fim de preservar seu anonimato.

Uma característica marcante da Academia é que ela é uma das mais significativas referências de interação social do bairro e exibe as características de um “pedaço”. O termo “pedaço” designa uma forma peculiar de interação e de apropriação do espaço urbano e define um terceiro plano de ocupação que é intermediário entre o espaço privado da casa - lugar da família e dos parentes ligados por laços já estabelecidos e conhecidos desde sempre - e a rua, espaço público, dos estranhos, da tensão da ambiguidade; no pedaço todos se conhecem, sabem quem são os outros, de onde veem e para onde vão, sabem do que gostam e do que é permitido e proibido (MAGNANI, 2001).

São dois os elementos básicos constitutivos do “pedaço”: um componente de ordem espacial a que corresponde uma determinada rede de relações sociais. Alguns pontos de referência delimitam seu núcleo: o telefone público, a padaria, alguns bares e casas de comércio, o ponto do “búzio”, o terreiro e o templo, o campo de futebol e algum salão de baile (MAGNANI, 2003, p.115).

O componente espacial do pedaço é definido pela moradia, uma vez que na periferia das cidades com o porte de Porto Alegre, ao contrário das cidades pequenas do interior, os locais de trabalho costumam ser distantes e mudar frequentemente, pela alta rotatividade nos empregos, dificultando o estabelecimento de relações mais duradouras; também são distantes as repartições públicas, alguns equipamentos de lazer e outras instituições e serviços urbanos.

Do núcleo do pedaço fazem parte alguns serviços básicos - transporte, abastecimento e entretenimento entre eles (idem, 2003) - e a Academia é um desses equipamentos constitutivos deste pedaço e um dos mais importantes para o estabelecimento de relações sociais entre os moradores. Ela fica situada numa esquina da principal avenida da região, por onde passam as três linhas de ônibus que ligam a Vila ao centro e aos outros bairros da cidade. No meio desta mesma quadra, quase em frente à loja da Dona Tereza, está localizada uma das paradas de ônibus, onde descem as pessoas que vêm do centro da cidade e onde embarcam os/as passageiros/as que se dirigem à zona sul da capital; seguindo pela avenida, depois de passar em frente à Academia, basta andar mais alguns metros para encontrar a parada destinada aos/às passageiros/ as que se dirigem ao centro da cidade, que fica no meio da quadra seguinte. Desta forma, num espaço de aproximadamente 100 metros, delimitado pelas duas paradas de ônibus, a Academia é praticamente o ponto equidistante entre ambas, portanto quem se utilizar de qualquer uma destas linhas de ônibus, indo ou voltando de seu destino, vai desembarcar do ônibus a menos de 50 metros da Academia.

Durante as minhas visitas para realizar as observações e entrevistas, pude observar um fato curioso na relação entre os/as passageiros que se dirigiam às paradas de ônibus e os/as frequentadores da Academia. Frequentemente, um/a dos/as alunos/as era chamado durante seu treino por alguém que estava se dirigindo a uma das paradas, abandonava o equipamento temporariamente para acompanhar o/a amigo/a até a parada e retornava aos exercícios depois da chegada do ônibus.

Quando o/a visitante desembarcava do ônibus e passava pela Academia para cumprimentar alguém que estivesse treinando, a conversa geralmente acontecia ali dentro mesmo, no equipamento em que o/a “visitado/a” utilizando ou nos bancos que se encontravam à direita e à esquerda da entrada. Essas interrupções na sessão de treino nunca foram vistas como problemáticas pelos/frequentadores, pelo Nicolas ou pelo Fausto; em algumas oportunidades, eles até participaram da conversa.

A Academia é um ponto de encontro, de convivência, de paquera e também de efetivação de negócios. Além de vender suplementos e complementos alimentares, no que não difere de tantas outras academias de musculação, a Academia da Vila funciona como ponto de venda de bijuterias, CD's e DVD's piratas e também oferece serviços de fotocópias, fax e impressão. Todos podem ser pagos com cartão de crédito ou débito. Apesar dos fins originais, funciona como um lugar que os moradores do pedaço frequentam para apreciar os símbolos que escolheram para marcar as diferenças, encontrando seus iguais e exercitando-se no uso dos códigos comuns (MAGNANI, 2002). “É bom estar lá, ‘rola um papo legal’, fica-se sabendo das coisas... e é assim que essa rede da sociabilidade vai sendo tecida.” (idem, p.22).

Assim, mais do que simplesmente compor a paisagem ou oferecer um serviço aos moradores do pedaço, a Academia serve como um ponto de referência que evoca a permanência de laços de parentesco e amizade, origem e vizinhança.

2.2 ALQUIMISTAS DE FÉ

Definido o local da pesquisa, o passo seguinte foi selecionar os colaboradores do estudo. Muitas são as pessoas que transitam por lá e que permanecem por minutos ou horas e todas elas poderiam colaborar com um estudo que se propõe a analisar a produção das masculinidades nesse lugar, desde os homens que entram somente para cumprimentar os amigos que estão se exercitando até as mulheres que, mesmo em número bastante reduzido, são alunas da Academia.

Segundo Geertz (2011), os textos antropológicos são sempre uma interpretação de segunda ou terceira mão, pois a interpretação em primeira mão

somente seria possível aos integrantes de uma dada cultura. Optei por uma interpretação “de segunda mão” e defini como critério de inclusão para ser colaborador da pesquisa ser homem e ser praticante de musculação no mínimo quatro vezes por semana. A interpretação “em terceira mão”, o relato ou a opinião de alguém sobre o grupo, sobre suas práticas e características mais marcantes, embora também seja um estudo válido e interessante, não me atraiu nesse momento, pois entendo que poderia dizer mais de quem fala sobre o grupo do que sobre o grupo em si.

Nos meus primeiros contatos com o Nicolas, proprietário da Academia, soube que o número de homens frequentadores da academia gira em torno de 45; “os de fé... malhadores de verão e inverno” (Diário de campo, 27/01/12), que frequentam a academia o ano inteiro, portanto, na opinião do Nicolas, a maior parte deles se enquadraria no critério de seleção adotado. Contudo, durante o período de campo, o número de frequentadores “de fé” não chegou a 30: registrei apenas 27 e mantive um contato mais estreito com 22.

Entre os 22 colaboradores, o mais novo tinha 17 anos¹² e o mais velho 43, seus empregos tão variados quanto as idades: dois estudantes, um segurança, um conselheiro tutelar, um professor de educação física que trabalha na creche da Vila, vários estagiários nos programas de primeiro emprego, alguns que trabalham em serviços gerais, outros são empregados no comércio, principalmente em hipermercados, um policial militar e pelo menos dois deles fazem “bicos”, sem emprego fixo.

Para finalizar essa primeira apresentação dos colaboradores da pesquisa, considero importante esclarecer o título atribuído à seção e também a forma como foram escolhidos os pseudônimos que eu utilizo para nomeá-los na dissertação. Na literatura a respeito das academias de ginástica e musculação encontrei várias referências às trocas de informações entre os praticantes sobre substâncias capazes de potencializar os resultados, acelerando um processo de conversão de gordura em músculos¹³. Chaves (2010) relata que alguns marombeiros costumam

¹² A entrevista com o Francis, assim como os registros sobre ele no diário de campo, foi feita somente no período posterior a janeiro de 2012, quando ele completou 18 anos.

¹³ Tal conversão é impossível, pois a gordura acumulada sob a pele não vai se transformar em músculos, mas tal engano é compreensível: como resultados prováveis do treinamento com pesos, o

indicar a ingestão de laxantes, água sanitária e ração animal para turbinar o treino. Entre os frequentadores da Academia, percebi um comportamento semelhante, embora nenhum deles tenha relatado, para mim ou para os colegas, a ingestão de substâncias tão pouco usuais. Na Vila, as receitas compartilhadas eram mais simples, vitaminas com ingredientes comuns na maioria das casas (leite, banana, abacate, aveia, mel) e algumas dicas envolvendo pequenas mudanças na forma de treinar, como acelerar os dois últimos movimentos de cada série¹⁴. A apreciação dos resultados promovidos por estas indicações é sempre subjetiva, não existem outros parâmetros de avaliação além da percepção de cada um sobre a validade ou não das tentativas. Duas características importantes: primeiro, um desejo de transformar uma substância sem valor em outra, rara, valiosa, difícil de obter; segundo, um processo de busca desta transmutação baseado em tentativa e erro, sem o auxílio de equipamentos capazes de fazer uma leitura mais objetiva dos dados. Essas características são análogas àquelas dos primórdios da Alquimia, quando os primeiros alquimistas tentavam encontrar a Pedra Filosofal, uma substância com poderes mágicos tão potentes que seria capaz de transformar chumbo e outros metais menos nobres no mais nobre dos metais – gordura e músculos hipertrofiados substituindo, respectivamente, chumbo e ouro, nos processos alquímicos da Academia. É por esta razão que decidi utilizar nomes de alquimistas famosos para identificar os homens que participaram do estudo. Quanto às mulheres, escolhi para a mãe do Nicolas um nome aleatório – não registrei nenhum contato dela com a academia ou com seus/suas frequentadores/as - e para as demais segui a mesma regra dos colaboradores homens, pois elas tomam parte ativamente dos processos “alquímicos” que acontecem na Academia.

2.3 UM ESTRANHO NO “PEDAÇO”

percentual de gordura deve diminuir e a massa muscular aumentar e, por acontecerem de forma concomitante, pode causar a falsa impressão de que um se transforma no outro.

¹⁴ Cabe destacar que essas recomendações não encontram respaldo nos estudos de Fisiologia Humana, Fisiologia do Exercício ou na Teoria do Treinamento.

Para estabelecer um primeiro contato com as academias da região, a fim de escolher o local mais adequado à realização da pesquisa, consultei uma das bolsistas do PET-SAÚDE, Maria. Por atuar no bairro há um bom tempo, Maria conhece bem os/as moradores/as da região e tem com eles/as um bom relacionamento, além de conhecer bem os espaços da Vila, tanto que encontrei o que eu estava procurando na primeira academia indicada por ela e foi onde realizei minha pesquisa de campo. Durante o tempo de campo, mesmo indiretamente, ela continuou sendo importante, pois, para várias pessoas a quem fui apresentado pelo Nicolas, minha presença lá era justificada por ser estudante de mestrado da UFRGS e “amigo da Maria”. Não dava para considerá-la exatamente uma amiga, uma vez que nossos contatos sempre foram por meios eletrônicos, porém não vi necessidade de esmiuçar o tipo de relação que tinha com a Maria, já que ela me apresentou como amigo.

Uma das minhas preocupações com a pesquisa foi o quanto eu me envolveria com o grupo na condição de pesquisador. Não existe uma resposta definitiva ou adequada para todos os contextos, ou melhor, existe: depende. Depende da disponibilidade de tempo do/a pesquisador/a, das características da pesquisa, do grupo estudado. Somente uma possibilidade parece ter sido completamente abandonada pela Antropologia contemporânea, justamente aquela que lançou as bases para o seu nascimento: o trabalho de campo feito em gabinete, a partir de informações indiretas trazidas por viajantes, colonizadores e missionários e sem contato algum com os grupos sobre os quais se escrevia. Franz Boas e Bronislaw Malinovski contribuíram para o abandono dessa possibilidade ao conviverem, o primeiro com os esquimós e o segundo com os nativos das Ilhas Trobriand, para compartilhar sua intimidade e compreender suas culturas, uma inserção que Malinovski chamou de observação participante (SANTOS, 2010).

No outro extremo em relação aos antropólogos de gabinete, Loïc Wacquant (2002) estudou uma academia de boxe na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, e optou por uma metodologia que ele chamou de “participação observante”, porque considera impossível “fazer a ciência” da Nobre Arte sem praticá-la, pois as regras da arte pugilística são fundadas em movimentos que se inscrevem na fronteira do que é dizível e inteligível intelectualmente. Não se entende o boxe sem praticar o boxe:

Compreender o universo do boxe exige que mergulhemos nele pessoalmente, que façamos sua aprendizagem e que vivamos suas principais etapas, a partir do interior. A apreensão indígena é, aqui, a condição indispensável de conhecimento adequado do objeto (WACQUANT, 2002, p.78).

Loïc Wacquant deixou de ser um sociólogo que observa o boxe para se transformar num boxeador que faz registros etnográficos, um deslocamento que quase resultou no abandono da vida acadêmica para tornar-se um lutador profissional, uma dúvida que o perseguiu durante boa parte do trabalho de campo.

No Brasil, dois trabalhos conduzidos em academias optaram pela mesma metodologia. Chaves (2010) se inscreveu nas academias que analisou e praticou a musculação durante o período do trabalho de campo. Sabino (2004) definiu sua metodologia como observação participante, mas sua inserção no campo foi muito além da observação. Durante sua imersão nas academias cariocas, passou por uma transformação corporal que lhe rendeu 14 kg de massa muscular, comprou anabolizantes como parte do rito de iniciação e chegou a aplicá-los duas vezes para obter o respeito e a consideração do grupo: “A partir daí o grupo passou a confiar em mim, a me chamar para eventos dos quais apenas os que fazem parte daquela sociabilidade podem participar” (SILVA, 2011, p.9).

Durante certo tempo, considerei a possibilidade de freqüentar a academia como praticante para fazer o trabalho de campo e de me submeter aos treinamentos e ao controle dietético necessários para a hipertrofia muscular. Por fim, optei por uma inserção na qual eu estive sempre posicionado como pesquisador e não como um membro do grupo, ou seja, mantive certa distância que nada tem a ver com a qualidade da relação estabelecida com os colaboradores e sim com uma definição de posições diferenciadas dentro da dinâmica do grupo.

Várias pesquisas de cunho etnográfico foram conduzidas assim e resultaram em bons trabalhos, capazes de responder aos questionamentos formulados por seus/suas autores/as. José Miguel Nieto Olivar (2010) não se prostituiu nem se transformou em cafetão ou cliente para escrever sua bela tese de doutorado sobre a vida e a trajetória profissional de quatro prostitutas que trabalham no centro de Porto Alegre. Tampouco se prostituiu Cláudia Fonseca (2007) e, apesar de entrar em campo nu para estudar os clubes de sexo para homens, Camilo Braz Albuquerque

(2009) manteve-se “vestido de antropólogo” e não se envolveu nos contatos sexuais e nas orgias que acontecem nesses locais, “o ‘cara esquisito’ que, estranhamente, entra nos clubes ‘para não fazer nada’” (p.92).

Ao me posicionar desta forma, assumi um risco de criar dificuldades para a minha interação com os demais participantes da pesquisa, pois eu seria sempre um outro, um estranho que não compartilha códigos e comportamentos do grupo. Apesar de, inicialmente, ser olhado com certa curiosidade pelos frequentadores da Academia, aos poucos a minha presença passou a ser entendida como um evento cotidiano e não despertava mais curiosidade por parte deles. Paradoxalmente, essa distância pode servir como um elemento de facilitação do envolvimento com os “nativos”, pois, de acordo com Vagner Gonçalves da Silva (2006), ser entrevistado por alguém “de fora” do grupo permite aos colaboradores da pesquisa um sentimento de importância, de que seu conhecimento, suas vidas e suas histórias são relevantes e merecem ser estudados.

Um fato curioso, que confirma a afirmação anterior, foi a mudança do meu *status* junto ao grupo quando comecei a fazer as entrevistas individuais com o uso do gravador. Se até então eu era, na visão deles, um observador que ocupava uma posição passiva, sem fazer nada de efetivo para pesquisar alguma coisa, a partir das entrevistas eu passei a ser um pesquisador de fato. Curioso porque os entrevistados, talvez um pouco ansiosos pela utilização do gravador, talvez com medo de dizer algo errado, utilizavam-se de respostas curtas e lacônicas às minhas perguntas, por mais abertas que fossem e dessa forma, as entrevistas não foram uma boa fonte de informações para a pesquisa. Por outro lado, foi depois de iniciar as entrevistas que eu me tornei mais “chegado” e as conversas fluíam mais naturalmente. Um dos melhores exemplos foi o Francis, que pouco falava comigo enquanto eu era apenas observador e no mesmo dia da entrevista, quando voltamos para a Academia, me questionou sobre a UFRGS, o vestibular, o curso de Educação Física, o mercado de trabalho e outros assuntos relacionados. Desta forma, as entrevistas tiveram um papel muito mais efetivo no sentido de me aproximar dos colaboradores do que de fornecer material empírico para empreender a análise. Ao final do trabalho de campo, sinto que fiz a opção mais correta ao escolher essa forma de interação com os colaboradores. Creio que agi com transparência ao me apresentar a eles como pesquisador e, assim, respeitei as particularidades do grupo.

Eu, habituado à academia com janelas amplas, aparelhos bem cuidados e piso emborrachado limpo de quatro em quatro horas, jamais compreenderia senão com estranheza e admiração o que leva os homens da Vila a freqüentarem um ambiente escuro, mal-iluminado, chão esburacado, aparelhos de musculação atacados pela ferrugem e estofamentos puídos. Não bastaria ter me matriculado e freqüentado a academia como um deles para tentar compreender como vivem suas masculinidades, não me ajudaria em nada tentar imitá-los. Julguei mais produtivo identificar-me como pesquisador, como estudante – e, portanto representante – de uma instituição que, para a maioria, é apenas uma mistura pouco usual e quase impronunciável de consoantes, e que para uns poucos começa a se constituir numa possibilidade. Observá-los, e ouvi-los, enchendo-os de uma vaidade e um sentimento de importância que logo se transformou em simpática disponibilidade para colaborar, para em seguida narrá-los e interpretá-los, registrando uma parte de suas vidas numa descrição (que eu espero ter sido capaz de tornar) densa (GEERTZ, 2011). É a vida dentro da Academia, essa dos aparelhos de musculação, da Vila, sendo vista por aquela outra, a academia das graduações e pós-graduações, dos orientadores e de seus mestrandos e doutorandos.

2.4 EM MEIO AOS ALQUIMISTAS

As minhas visitas à Academia aconteceram entre julho de 2011 e fevereiro de 2012 e nesse período procurei variar os horários para conhecer o maior número possível de frequentadores que se enquadravam nos critérios para a colaboração. Em apenas uma ocasião estive três vezes na mesma semana, e somente porque tinha agendado algumas entrevistas para esses dias - como eu disse anteriormente, iniciar as entrevistas colaborou para melhorar a qualidade da relação com o grupo e quando percebi isso eu resolvi fazê-las de forma intensiva -, no restante do tempo eu fui uma ou duas vezes por semana. Minha estada mais longa durou duas horas e meia e a menor foi de 52 minutos. Todas as visitas foram registradas em diário de campo, elaborado logo que eu saía da Academia para tentar preservar o máximo possível das informações.

Minhas primeiras observações foram muito mais difíceis do que eu esperava. Quando comecei a frequentar a Academia eu já tinha conversado com o Nicolas em

pelo menos quatro oportunidades e com o Fausto uma vez, mas eu não esperava que somente o segundo estivesse lá o tempo todo. Com as aulas de arte marcial no anexo da Academia, e também em outras academias da cidade, o Nicolas permanecia por pouco tempo na sala de musculação e, quando cheguei lá para a primeira observação, encontrei somente o Fausto e três frequentadores. Fui apresentado a eles pelo Fausto, com quem eu tinha conversado dois dias antes. Eles gostaram da ideia de participar da pesquisa e se mostraram dispostos a colaborar, porém essa disposição não se traduziu numa comunicação fácil; pelo contrário, os primeiros contatos foram cheios de vazios na conversa, longas pausas entre as falas que produziam silêncios constrangedores. Naquele momento, atribuí as dificuldades de comunicação à timidez deles e somente depois de realizar as primeiras entrevistas eu pude compreender que não se tratava de timidez e sim receio de que a minha observação tivesse como objetivo apontar os erros e as falhas de execução que eles pudessem demonstrar durante a prática.

Além da observação participante, optei por entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de compreender as singularidades de cada um e também como se relacionavam com o grupo. Para as entrevistas, optei por um termo de consentimento oral¹⁵, que foi lido para cada um dos colaboradores ao iniciar a gravação de áudio. Essa decisão foi tomada por ter percebido, já nas primeiras observações, que uma boa parte dos frequentadores da Academia que participaram do estudo não é muito familiarizada com as atividades de leitura e escrita. Por exemplo, Fausto, numa das nossas primeiras conversas, disse não gostar de ler as revistas que alguns frequentadores levavam para a academia porque elas tinham textos muito longos. Foram realizadas 22 entrevistas, que depois foram transcritas e entregues aos colaboradores para que lessem e concordassem ou não com o que estava escrito. Todos, sem exceção, assinaram a autorização sem ler a transcrição. O montante destes registros é que compõe o material empírico com o qual vou construir a minha etnografia.

¹⁵O modelo do termo de consentimento está nos anexos desta dissertação.

3. ALQUIMIAS CONTEMPORÂNEAS



Este capítulo consiste na análise dos dados construídos através da minha inserção com os colaboradores da pesquisa, os meus “nativos” e está organizado em seis seções. Na primeira apresento o Fausto, um personagem “atípico” dentro da Academia da Vila, que ganha destaque justamente pelo contraponto que oferece em relação às práticas que adota e os objetivos que o levam a treinar todos os dias. Claudia Fonseca alerta que o lema **cada caso é um caso**, “usado habitualmente por pessoas que mostram uma grande sensibilidade aos fatos concretos à sua frente e que demonstram um espírito crítico diante de estereótipos do senso comum” (1999, p.58), revelador de uma postura crítica e aberta às singularidades do outro, não pode se confundir com a etnografia. Apesar de sua utilidade, principalmente na prática profissional daqueles/as agentes sociais que lidam com outras pessoas como professores/as, assistentes sociais, psicólogos/as e outros/as, essa filosofia de que cada caso é um caso não deve ser entendida como sinônimo de pesquisa antropológica. Mesmo que ambas caracterizem-se pela interação entre o/a pesquisador/a e os/as colaboradores/as (ou entre profissionais e usuários/as de algum serviço), pela criação de vínculo nessa interação cotidiana e uma disposição para ouvir o/a outro/a, a etnografia não pode se deter nas singularidades, posto que é intenção imprescindível da pesquisa antropológica a busca pelo aspecto social do comportamento que vai sempre além do caso individual.

Concordo com as idéias de Claudia Fonseca acerca do fazer etnográfico e reitero aqui minha intenção de não tratar “cada caso como um caso” e sim buscar os significados que são coletivos. Apresentar o Fausto numa seção isolada nada mais é do que uma estratégia pra facilitar a leitura e também a compreensão de como este universo ímpar que é a Academia da Vila se organiza de forma deveras peculiar no campo das práticas corporais que se destinam a hipertrofia muscular.

Nas seções seguintes, contrasto os meus achados no campo com a literatura sobre as práticas corporais e a produção das masculinidades, destacando questões relativas às roupas que os frequentadores da Academia usam durante os treinos, aos cuidados alimentares que incluem em suas rotinas, à recusa ao uso dos esteróides anabolizantes e ao abandono de algumas práticas que, no universo marombeiro são incoerentes com a construção de um corpo hipertrofiado e finalizo

com uma análise sobre os cuidados com os corpos que são “problemáticos” entre os homens da Vila.

3.1 FAUSTO: UM CORPO QUE PESA

Depois do Nicolas, Fausto foi meu primeiro contato com os frequentadores da Academia e o colaborador com quem tive mais contato durante o trabalho de campo. Jovem, 21 anos, estava atuando como instrutor havia sete meses quando comecei a frequentar a Academia. Ele não permaneceu até o fim da pesquisa: “pediu demissão”, conforme ele mesmo me relatou; “parou de vir”, de acordo com o Nicolas. Ambos concordam com a data em que isso aconteceu: início de fevereiro.

Fausto tem uma experiência breve com a musculação. Praticou durante alguns meses num outro local, parou por dois anos e voltou a praticar na Academia nove meses antes do nosso primeiro contato, quando o Nicolas nos apresentou e explicou qual seria o meu papel naquele lugar. Logo depois da entrada dele na Academia, mais ou menos dois meses, foi convidado a atuar como instrutor, auxiliando o Nicolas em função do pouco tempo que ele tinha disponível para cuidar da musculação. Vaidoso (anéis em nove dedos, unhas bem cuidadas, correntão imitando prata no pescoço e nos punhos, uma tatuagem no antebraço e outra no braço, sobancelhas cuidadosamente aparadas, peito e pernas depilados), ele disse na nossa primeira conversa que fazia musculação para “pegar mulher”. Curiosamente, Fausto não sustenta esse argumento quando confrontado por Morgana, uma das poucas mulheres que frequentam a Academia e a única que participa ativamente das conversas entre os homens. O diálogo a seguir aconteceu numa tarde em que ela estava usando um aparelho novo, uma plataforma vibratória que chegara no dia anterior, aquisição que foi uma tentativa de aumentar o público feminino da Academia. Debochada e bem-humorada, de um humor do tipo malicioso e picante, Morgana faz referência ao risco de impotência que o uso de anabolizantes pode representar:

- Fausto, tu está cada vez maior. Grande em cima e pequeno embaixo, né?
- Nem vem com esse papo.
- Tu já estás tomando bomba?

- Não, mas vou tomar no mês que vem, quando entrar um dinheiro que eu to esperando.
- Daí sim é que não vai mais funcionar.
- Funciona sim, o meu amigo tomou e não teve problema.
- Mas tomou por quanto tempo?
- Tomou uma vez.
- E tu vai tomar quantas?
- Até ficar do tamanho que eu quero.
- Tu vai ficar brocha, Fausto.
- Posso até ficar, mas pelo menos vou pegar todas. Vou ficar grandão e pegar todas. E ninguém se mete comigo.
- Mulher nem gosta de homem musculoso demais. Diz pra ele, professor [referindo-se a mim], o que acontece com quem toma essas porcarias. [Nesse momento, Fausto interrompe a conversa dizendo que precisa atender um aluno. A interrupção é muito bem-vinda, pois eu não queria expor minha opinião sobre o uso de anabolizantes nessa conversa] (Diário de Campo, 14/09/11)

Nessa conversa em que a Morgana questiona os motivos que levam Fausto a buscar um corpo cada vez maior, ele não tem argumentos e prefere se retirar da conversa. “Mulher nem gosta de homem musculoso demais” é uma frase problemática para ele justamente porque pronunciada por uma mulher – ou seja, uma pessoa “do ramo”-, colocando por terra sua justificativa para a malhação pesada e os outros cuidados que adota. Numa pesquisa realizada em três academias na cidade de Florianópolis, Giselle Torri, Roger Hansen, Jaison José Bassani e Alexandre Fernandes Vaz (2007), identificaram alguns dos motivos que levam as pessoas a frequentarem as aulas das variadas modalidades de ginástica e de musculação. Uma das características encontrada pelos autores nas três academias é que as mulheres disseram treinar para ficarem mais bonitas e terem mais sucesso no campo da sedução, enquanto os homens afirmaram treinar para se sentirem mais fortes; tais achados corroboram a afirmação de Sabino (2000), de que as mulheres participantes da sua pesquisa nas academias do Rio de Janeiro treinam para ficarem bonitas para os homens, enquanto os homens treinam para si. O que se percebe nas falas do Fausto é que ele não se sente à vontade para afirmar suas intenções em relação ao próprio corpo, não pode dizer que “malha para si”, para sentir-se bem consigo mesmo ou para ter o corpo que deseja. Apesar de toda a

vaidade, de todos os cuidados, Fausto não se autoriza a enunciar sua preocupação com a aparência, não pode dizer-se tão vaidoso quanto realmente é, pois esse comportamento não é bem visto pelo grupo.

O peso corporal é muito importante para Fausto, tanto que ele o usa para marcar os períodos da sua vida e para se referir tanto ao passado quanto ao futuro. Para contar passagens da sua história, ele não faz referências à idade que tinha na época, e sim ao peso. Assim, para falar de como era sua rotina antes de musculação, Fausto disse:

Quando eu pesava 120 kg, eu não dividia [as refeições]; fazia um prato [faz um gesto com as mãos para indicar que era uma grande quantidade] com pão, salsicha, molho e comia tudo de uma vez. (Diário de Campo, 04/08/11)

Fausto fez esse comentário quando conversávamos sobre sua alimentação naquele momento. Ele seguia as recomendações de um amigo que frequentava outra academia e fracionava em seis vezes a ingestão diária de calorias e proteínas, suas duas grandes preocupações em relação aos nutrientes. Os horários destas seis refeições eram rigorosamente cumpridos, tanto que a conversa sobre alimentação iniciou quando ele interrompeu suas atividades como instrutor para o lanche da tarde, que consistiu numa mistura de leite com um dos suplementos alimentares que ele consumia. Nesse dia Fausto me explicou que esse lanche das 15 horas é uma mistura hipercalórica preparada em função do treino das 16 horas; em outros dias, quando não tinha dinheiro para comprar o suplemento, esse lanche era substituído por macarrão com peito de frango cozido em água e pouco sal, nenhum outro tempero. A palavra hipercalórica causava certo receio em Fausto: como ele já foi gordo – “quase obeso” como ele mesmo dizia-, tinha medo de voltar a engordar e lançar por terra todo esforço dos últimos anos. Como sabia que eu sou professor de educação física, Fausto tentou tranquilizar a si mesmo em relação ao consumo perguntando-me se esse risco existia:

- Tu acha que eu vou engordar tomando isso aqui?
- Eu não entendo muito de nutrição, não estudamos isso na faculdade de educação física.
- É que aqui diz que tem muita caloria, mas eu acho que é pra aguentar o treino. Será que eu vou queimar essas calorias no treino?
- Quanto tempo tu vais treinar?

- Dá uma hora, uma hora e meia, depende do dia. Mas é quase sem parar, termino um exercício e começo outro. Não tem descanso. (idem)

Fausto projetava o seu futuro em relação ao peso que pretendia alcançar. Ele pesava, à época, 104 kg (durante todo o período de campo da pesquisa, seu peso oscilou entre 99 e 104 kg) e pretendia chegar aos 120 kg, peso que, como costumava dizer, lhe traria novas oportunidades na vida, principalmente financeiras. Atingindo esse peso, Fausto acreditava que poderia participar de competições de fisiculturismo e conseguir um emprego que lhe permitiria um melhor salário em outra academia.

Para participar de competições, Fausto teria que aumentar consideravelmente não apenas sua massa muscular, mas principalmente a definição de seus músculos. O processo pelo qual precisaria passar é chamado de *cutting*¹⁶ e envolve, principalmente, a redução da ingestão diária de calorias para algo em torno de 700, enquanto o volume e a intensidade do treinamento são mantidos. É uma etapa difícil do treinamento e muitos fisiculturistas experientes encontram dificuldades para lidar com uma restrição tão violenta. É nessa fase que surgem mais casos de agressão nas academias, o que é perfeitamente compreensível nesse contexto, pois são homens muito fortes, corpos hipertrofiados, tomando alguns anabolizantes com efeito androgênico que potencializam a agressividade e outras drogas como anfetaminas para reduzir a fome que sentem (SABINO, 2004): verdadeiras bombas-relógio.

Quanto à questão do emprego em outra academia, Fausto acreditava que dependia somente da sua construção corporal. Cursar a faculdade de Educação Física estava longe de seus planos; não terminou o ensino médio e não pretende fazê-lo, pelo menos não imediatamente. O que lhe permite ambicionar um emprego melhor é um curioso paradoxo encontrado com certa frequência nas academias de musculação.

De um lado, há uma valorização exacerbada das implicações orgânicas da prática, expressa num controle rigoroso das cargas, do número de séries e de repetições, dos intervalos, do descanso entre um grupo muscular e outro e da quantidade de macronutrientes que deve ser ingerida pré e pós-treino. O domínio

¹⁶ O *cutting* será descrito posteriormente.

dessas variáveis depende do acesso ao que se produz em áreas como Fisiologia, Cinesiologia, Biomecânica e Nutrição, cujo conhecimento pressupõe uma formação acadêmica e atualização constante. O desejo de acesso aos profissionais que possuem esses conhecimentos fica evidente nas manifestações dos praticantes de musculação em diversas academias: em Recife, um estudo com homens e mulheres que praticam musculação apontou que, embora sejam capazes de identificar os alimentos que são fontes de macronutrientes, consideram importante a presença de um/a nutricionista na academia (PEREIRA e CABRAL, 2007); em Brasília, num estudo conduzido por Sueli Rodrigues Paes (2012), nada menos do que 99% dos/as entrevistados/as manifestou interesse em valer-se de um nutricionista para aprimorar seu desempenho na musculação. Mesmo na Academia da Vila, quando me questionou sobre o valor calórico do *shake* pré-treino que ele consome, Fausto demonstrou o interesse em apropriar-se de um conhecimento que não possui.

Por outro lado, o que se observa nas academias é uma recusa ao conhecimento acadêmico que não venha corroborado por um conhecimento mais “corporal”, uma espécie de “saber prático”. Quando há uma dissociação entre eles, como aquela provocada pela minha presença na Academia, há uma clara tendência a valorizar e considerar como mais eficiente aquele evidenciado no corpo. Assim foi com o Francis, que me procurava para tirar suas dúvidas sobre hormônios, enzimas e aminoácidos, mas se dirigia ao Fausto quando queria saber como organizar suas séries. Como se estivessem em cena dois regimes de verdade, um representado pelo meu conhecimento teórico que não se expressava em meu corpo e outro pelo conhecimento prático que transparece no corpo do Fausto, Francis optou por aquele que lhe oferecia uma verdade mais evidente. Fausto e tantos outros instrutores como ele usam seus corpos para fazer uma confissão, uma manifestação da verdade na qual são os próprios agentes ativos através dos quais essa verdade emerge (FOUCAULT, 2010). Corpos litúrgicos¹⁷, portanto, que dizem - não pela verbalização, mas pela exibição de volumes hipertrofiados e de linhas musculares bem definidas – todos os seus erros e acertos, todas as falhas que possam ter cometido e também de tudo de certo e justo que foi feito: “Eis o que eu fiz eis quais intenções eu tinha, eis o que no segredo da minha vida e no segredo do meu coração constituiu minha falta ou constituiu meu mérito” (idem, p.66).

¹⁷ Liturgia tal como é entendida por Foucault (2010), um ritual através do qual a verdade vem à tona.

Mesmo acreditando muito mais no Fausto do que em mim para conduzir suas rotinas de treinamento, minha presença na academia gerou algumas dúvidas entre os frequentadores e até mesmo o Fausto me questionou algumas vezes, como no exemplo citado anteriormente em que ele queria saber sobre o valor calórico do *shake* pré-treino. Pelo que eu pude perceber durante a minha estada no campo, mesmo aceitando que o Fausto os conduzisse pelo caminho da construção hipertrofiada de seus corpos, as dúvidas sobre a maneira mais eficiente de fazerem o que estavam fazendo eram constantes. “Receitas” de vitaminas pré e pós-treino foram compartilhadas, dicas de alimentação e formas de executar as séries foram permutadas e muitas vezes adotadas simplesmente porque “alguém disse que funcionaria” – um comportamento “alquímico”.

3.2 OS DEMAIS HOMENS DA VILA, SEUS CORPOS E SUAS ROUPAS

Na literatura sobre a produção dos corpos masculinos através das práticas da musculação e do fisiculturismo, principalmente naquela de matriz antropológica, a referência às roupas usadas pelos praticantes indica a existência de um padrão de vestuário para frequentar a academia e, mais do que isso, para deslocar-se até ela e para voltar para casa. Peças justas, curtas, cavadas e rasgadas que tem como função muito mais mostrar do que esconder; mais preocupados em despir do que em vestir, a roupa dos praticantes deixa pouco espaço para a imaginação e a dúvida: prova incontestável de sua adesão ao estilo de vida marombeiro, o corpo do fisiculturista deve ser exibido com todos os detalhes de uma anatomia esculpida com muito suor e disciplina.

Assim Sabino (2004) descreve as vestes dos fisiculturistas cariocas:

Kamal veste uma camiseta justa de cor amarelo-ovo rasgada em partes estratégicas escrita Pitbull Gym com o desenho de um cão da raça pitbull segurando na boca uma barra olímpica com grandes anilhas na ponta. O desenho da barra sugere que ela está dobrada devido ao excesso de pesos. Vilela usa uma camiseta do exército com as mangas arrancadas e um tênis Reebok roxo (p.144).

Nestas instituições [as academias de musculação que fizeram parte do estudo] é possível observar homens que mais parecem personagens saídos de revistas em quadrinhos devido à quantidade de músculos que cultivam e ao tipo de roupas que usam. Com enormes cinturões de couro, botinas, tatuagens e, por vezes, calças e camisas de infantaria rasgadas estrategicamente para mostrar a musculatura (...)

(idem, p.181-2).

Tatuagens de animais ferozes e super-heróis recriados pela nova mitologia capitalista, além de piercings, tênis em forma de botina e de solado rústico, roupas rasgadas mostrando músculos e tudo o mais que possa remeter a um sentido de força e peso aludindo ao que por eles é considerado selvagem ou bárbaro e, portanto, valorizado (ibidem, p.295).

Em Salvador, nas academias estudadas por Chaves (2010), dois tipos de roupas foram identificadas: os frangos, como são chamados os novatos na prática da musculação, usam roupas largas para disfarçar a falta de músculos hipertrofiados; já os veteranos vestem-se com bermudas justas, camisetas regata ou rasgadas em pontos estratégicos. Vestido com seus próprios músculos (MALYSSE, 2002), o marombeiro parece não precisar de outras vestes.

A roupa esportiva (aqui entendida como aquela utilizada durante a prática de ginástica, musculação ou esporte) é uma invenção relativamente recente. De acordo com Carmen Lúcia Soares (2011), foi somente a partir dos anos 1920 que a roupa esportiva “proclamou sua independência” da roupa de passeio e passou a ser regida por novos códigos e tendências. Até os Anos Loucos pós-Primeira Guerra Mundial, a roupa esportiva seguia as tendências da moda; assim, se fossem compridas as saias para os bailes e passeios, também seriam aquelas usadas para os jogos de tênis, para o golfe e para andar de bicicleta. Encurtadas as saias “de passeio”, as quadras, os campos e as pistas nunca mais viram bainhas cobrindo os tornozelos. Estava dado o primeiro passo de uma longa caminhada que resultaria num nicho de mercado dominado por empresas gigantescas como Adidas, Puma, Nike e outras que movimentam bilhões de reais por ano em todo o mundo. Apoiadas por estratégias publicitárias das mais sedutoras em todas as mídias, as gigantes do vestuário esportivo criam a necessidade de roupas específicas para cada atividade, numa perfeita tradução da afirmação mais conhecida da Arqueologia do Saber, de Michel Foucault (2004): o discurso (neste caso, o publicitário) cria os objetos (a necessidade de um determinado tipo de roupa para a prática da musculação) sobre os quais fala.

Mesmo com tanta difusão, o discurso da roupa esportiva não seduz a maior parte dos frequentadores da Academia. De fato, apenas um adere a ele: Fausto.

Mesmo que o seu treino seja durante o horário de trabalho, o ritual da troca de roupa é cumprido rigorosamente todos os dias: saem de cena as bermudas estilo surfista e as bem-comportadas camisetas de clubes de futebol (Fausto diz não colecionar, mas possui tantas que seu guarda-roupa acomoda inclusive um par de camisetas da dupla Gre-Nal, que ele usa indiscriminadamente sem denunciar pertencimento clubístico), entram shorts mais justos e encurtados e camisetas regata. Fausto não é mais o instrutor da Academia, é o marombeiro que fabrica seu corpo na forja de anilhas, barras e halteres. Fausto, porém, é a exceção. Como dito anteriormente, na Vila a relação dos frequentadores da Academia com as roupas esportivas é singular.

Francis, 18 anos, frequentava a Academia todos os dias e permanecia por aproximadamente duas horas. Assumidamente vaidoso, o cabelo estilo Neymar está sempre impecavelmente cortado e penteado, o inseparável correntão (imitação) de prata no pescoço, calça saruel ou bermuda de surfista, nos pés um tênis *All-Star*, Francis “malhava” como quem vai ao shopping ou para as festas nos finais de semana. Morando a menos de três quadras da academia, a roupa era uma escolha para este momento do dia, pois na parte da manhã ele frequentava a escola (está cursando o Ensino Médio) e usava o uniforme.

Ao contrário de Francis, Roger saía do trabalho e ia direto para a Academia. Estava sempre de mochila às costas, porém ela carregava apenas carteira, celular, fones de ouvido e estojo do óculos – nenhum material para a “malhação”. A roupa que ele usava no trabalho – camisa social ou camiseta de gola pólo, calça jeans e sapato – era a mesma roupa que ele usava no treino. Quando perguntei se não seria mais confortável vestir outro tipo de roupa, Roger respondeu que se sentia bem assim e que o jeans e o sapato não o atrapalhavam.

Henning, 18 anos, estudante de Ensino Médio e frequentador assíduo da Academia, também mais preocupado com as roupas que vestia no deslocamento de casa até a academia do que com aquelas que vestia durante a prática, geralmente estava vestindo calça jeans saruel, tênis e camiseta; seguindo o padrão de estilo dos frequentadores, o cordão de grossos anéis imitando prata estava sempre compondo o seu visual.

Francis, Roger, Henning e tantos outros davam às roupas uma importância muito menor do que Fausto, o solitário marombeiro adaptado aos códigos mais

importantes na definição desta prática. Como ler, então, essa indiferença dos frequentadores da Academia em relação às vestes mais tradicionais entre aqueles que fazem da maromba seu estilo de vida? A literatura sobre praticantes desta atividade e também os achados no campo permitem fazer alguns apontamentos.

Se a vaidade masculina costumava ser um tabu, os últimos anos viram surgir a figura do metrossexual, este personagem fictício que tantos efeitos concretos têm produzido sobre os homens desde o final do século passado e até hoje. Fictício porque inventado, construído, elaborado a partir do discurso publicitário e de marketing (GARCIA, 2004) para estimular o público masculino a consumir uma série de produtos já existentes, porém, pouco valorizados por esta fatia do mercado: cosméticos, perfumes, cremes e, lógico, calçados, roupas e acessórios. Vestir-se bem, estar de acordo com as tendências da moda, importar-se com o corte e as combinações de cores das roupas são preocupações do cotidiano de muitos homens e já estão presentes entre os homens da Vila que frequentam a Academia.

Como já dito anteriormente, a maior parte dos frequentadores da Academia são trabalhadores assalariados que percebem salários iguais ou pouco acima do salário mínimo ou então estudantes cujos pais são, também, assalariados e as limitações impostas pela baixa renda poderiam justificar a opção pelas roupas mais “transadas” em detrimento daquelas esportivas: na impossibilidade de comprar ambas, a opção seria por aquela mais útil, que pode ser vestida em ambientes mais variados do que uma academia de musculação.

Por outro lado, e independente das limitações financeiras, a falta de interesse pela roupa típica dos fisiculturistas parece ser uma demonstração de que a prática da musculação neste grupo de homens da Vila, apesar de algumas semelhanças com aquelas descritas na literatura, apresenta sentidos e significados bastante diversos.

Entre os grupos de homens fisiculturistas e praticantes de musculação já estudados, a construção do corpo hipertrofiado é a tarefa central de suas vidas para a qual todos os esforços são dirigidos: os treinos intensivos, a alimentação balanceada, os cuidados com o repouso, o uso de anabolizantes e outras substâncias que podem potencializar os efeitos do treinamento sobre a musculatura, a privação de alguns alimentos, bebidas e, eventualmente, de práticas sexuais.

Tantos cuidados com o corpo a fim de transformá-lo e torná-lo mais bonito ou atraente tem como fim último os ganhos que tal corpo pode proporcionar e esses ganhos situam-se no terreno da conquista amorosa ou econômica através da prostituição (SABINO, 2004; CHAVES, 2010). Os corpos são construídos para serem exibidos e a roupa do fisiculturista tem uma função muito mais erótica do que de protegê-lo do frio ou escondê-lo dos olhares. E é justamente essa erotização do próprio corpo que parece não estar presente entre os frequentadores da Academia da Vila e fica mais evidente nos depoimentos de Francis, Eugene e Jordão. Quando perguntados por que vão para a academia todos os dias, a resposta é quase sempre a mesma:

A minha namorada gosta. Ela também malha numa academia perto da casa dela. Então ela diz que eu também tenho que malhar (Francis, entrevista em 18/01/12).

Eu venho porque a minha esposa gosta, ela sempre diz pra eu não parar. E também pra ficar forte, eu trabalho como segurança, daí impressiona mais (Eugene, entrevista em 08/09/11).

- Quanto tempo faz que tu malhando aqui na academia?

- Mais de um ano, comecei logo depois do meu irmão.

- E você vem todos os dias?

- Sim, todos os dias e fico quase duas horas. Porque eu saio do trabalho às 15h e só vou pra aula às 19h15, daí eu fico umas duas horas aqui na academia, chego em casa pra tomar banho e ir pra aula.

- E não fica muito puxado? Não sobra tempo pra mais nada.

- Ah, mas a mulherada gosta, vale a pena.

- E é só por isso que você malha?

- Sim, sim. Daí tu vai numa festa, as gurias ficam olhando, elas até “chegam” no cara pra conversar. (Jordão, Diário de Campo, 19/01/12).

Percebe-se aqui uma distinção entre o fazer e o dizer, uma dissonância entre o desejo de um corpo bonito que os leva a frequentar a Academia cinco ou seis vezes por semana e sua assunção como sendo um desejo próprio. É necessário implicar outras pessoas na produção deste desejo, deslocar a intencionalidade para outros sujeitos, pois eles não podem assumir para si a responsabilidade pela decisão de construir o corpo. Nem mesmo Fausto, que destoa tanto dos demais

frequentadores, sente-se em condições de assumir perante o grupo que o desejo pelo corpo hipertrofiado é dele, como ficou evidenciado no episódio já relatado envolvendo uma das frequentadoras da Academia. Os homens da Academia não são condescendentes com a exibição exacerbada dos corpos masculinos e, assim, abrem mão daquela que é uma das mais exploradas vantagens da construção hipertrofiada do corpo: sua exibição em todos os momentos e em todos os lugares, mostrando cada linha conquistada a duras penas e evidenciam outros sentidos e significados atribuídos à ida para a Academia.

3.3 PRA GANHAR CORPO: *SHAKES*, BANANAS, OVOS E MUITO “FERRO”

No mundo da hipertrofia muscular, a alimentação recebe tanta atenção quanto o treinamento em máquinas, halteres, barras e anilhas. Alimentação que não se restringe à ingestão de carne, ovos, pão, arroz, feijão, pois ela contempla todo o aporte de nutrientes e abarca os complementos e os suplementos alimentares, *shakes* de diversos sabores e diferentes composições nutricionais. Aliás, nomes como carne, ovos, pão, arroz e feijão raramente são pronunciados nas academias dos marombeiros, substituídos que são por termos como gorduras, carboidratos e, grandes heroínas da maromba, as proteínas.

Em termos de alimentação, na sociedade ocidental das últimas décadas vivemos a era do *self-service*. Sejam livres ou por peso, os *buffets* se espalham por restaurantes e praças de alimentação, superam antigas hierarquias (da ordem dos pratos, da ordem das pessoas a serem servidas primeiro) e promovem a possibilidade de escolher a quantidade e o tipo de alimento que se vai comer. O cardápio deixa de ser decidido por quem cozinha e passa a ser uma decisão de quem come. Essa possibilidade de escolher é um dos fatores que concorre para a substituição de antigos valores como a origem étnica e geográfica ou a beleza e a sofisticação de um prato pela valorização da composição bioquímica expressa em macronutrientes como gorduras, proteínas e carboidratos (SANT’ANNA, 2007). Como é possível comer tudo, de todos os lugares, em qualquer lugar, as referências históricas e geográficas dos pratos regionais tendem a ser apagadas em favor da classificação em calorias, macro e micronutrientes. A racionalidade nutricional, portanto, tem se sobreposto à cultura alimentar, gerando novas formas de se

relacionar com a comida, de forma análoga ao que acontece na relação entre práticas corporais e atividades físicas, em que a valorização excessiva das implicações orgânicas e a racionalidade expressa no controle sobre o gasto energético que caracterizam estas últimas têm prevalecido sobre as características de ligação com a cultura e de fruição dos prazeres oriundos das infinitas possibilidades de movimentos. Assim como as bioidentidades substituem antigos pertencimentos (hoje, ser sarado ou gordo diz tanto de um indivíduo quanto ser baiano ou manauara), as novas classificações dos alimentos substituem seus pertencimentos culturais: churrasco tanto é um prato gaúcho quanto uma boa fonte de proteína (embora seja preciso tomar cuidado com o excesso de sal e o colesterol); sushi, mais do que japonês, é light e oferece proteínas de boa qualidade; pequi é uma boa fonte de energia – e isso é tão ou mais importante do que ser um prato típico do centro-oeste brasileiro.

Gorduras, carboidratos, proteínas; esses são os componentes do cardápio dos marombeiros, em torno desses nutrientes é que se busca a combinação perfeita que vai permitir crescer ou definir. Existe uma fórmula padrão segundo a qual a ingestão diária de proteína deve ser de um grama por quilograma de peso corporal para maximizar as potencialidades de hipertrofia. Contudo, a simplicidade desta fórmula é deixada de lado em alguns momentos específicos do treinamento, que são chamados de *off-season*¹⁸ e *cutting*.

Durante a *off-season*, quando o objetivo é aumentar a massa muscular, a ingestão diária pode ultrapassar 5.000 calorias. É um período em que o marombeiro come de tudo, como no relato de um dos colaboradores de Sabino (2004):

[durante a *off-season*] quando a gente tá treinando pra aumentar a massa muscular e a alimentação é rica em calorias, então a gente come muito, toma *shake* de tudo quanto é troço, toma suplemento, come carne adoidado, um quilo de cada vez (p. 152).

Quando o objetivo muda de aumento da massa muscular para definição dos músculos já conquistados, tem início a fase de *cutting*: corte da gordura corporal, ou seja, eliminação da camada de gordura subcutânea que esconde as linhas de

¹⁸ ¹⁸ A expressão *off season* designa o período em que o fisiculturista não está se preparando para uma competição específica e corresponde ao maior aumento de massa corporal da temporada

definição do músculo, corte de tudo que puder ser considerado supérfluo na alimentação e a redução para uma ingestão diária em torno de 700 calorias. Destas 700 calorias, a proporção de gorduras e carboidratos será a menor possível, pois a intenção é justamente consumir a gordura que está armazenada. Um exemplo de dieta para esse período pode ser visto a seguir:

Refeição 1: cinco ovos inteiros, quatro claras de ovo.

Refeição 2: dois scoops¹⁹ de Ultra Whey Pro, um colher de sopa de manteiga de amêndoa.

Refeição três: 250g de peito de frango, 1/3 de xícara de amêndoas ou nozes.

Refeição 4: dois scoops de Ultra Whey Pro, uma colher de sopa de manteiga de amêndoa.

Refeição 5: 250g de salmão ou bife, uma colher de azeite de oliva.

Refeição 6: quatro ovos, três claras e uma colher de sopa de manteiga de amêndoa²⁰

Na Academia da Vila, o que se percebe são interesses distintos em relação à alimentação. A primeira diferença diz respeito à inexistência de uma periodização cíclica da alimentação em função dos objetivos que se pretende alcançar. Ao primeiro olhar, essa falta de preocupação com períodos de ganho de massa e aumento da definição muscular pode parecer uma consequência do fato de não existirem fisiculturistas e, portanto, não haveria necessidade de se preparar para as competições; não faria sentido falar em periodização anual, seja do treinamento, seja da alimentação, porque não existem períodos específicos em que os frequentadores da Academia desejem estar mais definidos.

Ausência total de periodização? Não exatamente. O que se percebe na Vila é que existe uma periodização, porém ela não é cíclica: acontece apenas uma vez, quando se entra na academia, embora possa se repetir- eventualmente quando alguém abandona a prática e retorna depois de algum tempo. Essa periodização que não é cíclica, que não se repete a cada temporada, que é pontual, parece consistir num período de treinamento que precede a hipertrofia, uma espécie de preparação do corpo, um ajuste de volumes corporais para suportar as cargas. Percebe-se nas falas do Eugene e do Alberto

¹⁹ Scoop (concha) é um medidor que acompanha o produto.

²⁰ Disponível em: <<http://universalnutrition.com.br/blog/>>

- Quando eu comecei a malhar, eu era muito magro, daí fiquei um bom tempo malhando sem muito peso. Quando eu “ganhei corpo”, daí começou o treino pra valer. Daí eu comecei a fazer as séries com poucas repetições: com oito, com seis. Braço é seis, perna é oito (Entrevista, 12 de janeiro de 2012).

- Eu cheguei na academia pesando quase cem quilos. Eu não tinha resistência, cansava fácil, o Nicolau me passava exercícios com pouco peso. Quando eu cheguei perto dos 80 kg eu comecei a malhar pesado

- Quanto tempo demorou pra isso acontecer?

- Não lembro bem. Foram meses, uns sete ou oito (Entrevista, 15 de setembro de 2011).

Existe, portanto, uma divisão do treinamento em dois períodos distintos, com a particularidade de não se repetirem de um ano para outro. Além disso, aos períodos diferenciados de treinamento não correspondem cuidados alimentares específicos. Eugene, treinando há mais de três anos, fala sobre a sua alimentação:

- Como é a tua alimentação? Tu tens algum tipo de cuidado?

- Eu como bem e tomo suplementos, aqueles que o professor indicou.

- Qual professor?

- O Fausto. Ele sempre passa indicações da comida, dos suplementos.

- E você segue as indicações dele?

- Só dos suplementos. Pra comer é muito ruim, tem que levar macarrão, frango pro trabalho, tem que fazer lanche a cada três horas. É muito difícil.

- E como tu cuidas da tua alimentação?

- Eu sempre como em casa, minha mulher faz tudo direitinho pras crianças. Sempre tem salada, fruta, sem fritura (Entrevista, 11 de janeiro de 2012).

Andreas é um dos mais jovens e também um dos mais novos frequentadores da Academia: tem 19 anos e começou a malhar depois que eu já estava no campo. É um dos poucos que vai para a academia na parte da manhã, pois ele trabalha na parte da tarde. Todos os dias, mais ou menos na metade do seu treino de duas horas, Andreas come uma fruta, geralmente uma maçã. “É pra dar energia pra terminar o treino.” (Diário de campo, 12 de janeiro de 2012)

Outro frequentador que sempre traz uma fruta para o treino é o Isaac, porém ele prefere bananas às maçãs. Sua explicação também é um pouco mais sofisticada do que a do Andreas colega:

- Eu sempre como uma banana antes do treino porque tem potássio, daí ajuda a não ter câimbras. E eu fico a tarde inteira sem comer nada porque eu venho direto do trabalho, não dá tempo de parar pra comer. Daí eu como uma banana antes de começar a treinar (Diário de campo, 19 de outubro de 2011).

O contraponto, mais uma vez, é dado por Fausto. Ele é o único que fraciona suas refeições ao longo do dia, alternando *shakes* protéicos e hipercalóricos com o tradicional macarrão sem molho e frango cozido em água e sal. Fausto já ingeriu as também tradicionais claras de ovo, uma fonte de proteína bastante valorizada entre os marombeiros, porém deixou de consumir devido ao alto custo. O consumo diário recomendado varia de 10 a 25 claras, dependendo da fonte consultada e o desperdício é muito grande, pois somente as claras são aproveitadas.

O comportamento singular do Fausto evidencia a convivência entre dois discursos diferentes: um seguido pelo instrutor, bastante próximo aos relatos existentes da literatura sobre a alimentação dos marombeiros; outro, adotado pela maioria dos frequentadores da Academia, cuja origem pode ser encontrada em outras fontes: aquelas que incentivam uma alimentação saudável.

Já na Antiguidade se escrevia sobre a alimentação e sua relação com a saúde, com a prolongação da vida e com a ordenação de existências mal conduzidas (FOUCAULT, 1984), configurando-se numa estratégia de governo dos corpos muito mais antiga do que a atividade física. Em relação à alimentação saudável, vivemos o que Lígia Amparo da Silva Santos (2008) chama de sociedade hiperinformada, na qual a multiplicidade de discursos sobre a melhor forma de nos alimentarmos impõe um constante estado de alerta e vigilância tanto sobre as novidades que possam surgir quanto sobre as recomendações já consagradas.

Eduardo Ribeiro Dantas, em tese apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2007, mostra como a produção biopolítica do corpo saudável perpassa a ampla circulação de informações a respeito de como se alimentar adequadamente. Ivan Marcelo Gomes (2008), em sua tese de doutorado sobre a

educação do indivíduo saudável, esta defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, analisou dois tipos de aconselhamento: de um lado o midiático, representado pelo suplemento de um jornal de circulação nacional, e de outro lado o conselho acadêmico, representado por um grupo de pesquisas vinculado à UFSC. Em ambos o autor evidenciou a importância atribuída à divulgação de informações sobre a alimentação como estratégia de subjetivação dos saudáveis.

Na maior parte dos veículos midiáticos que se voltam à divulgação de informações sobre nutrição e alimentação saudável, o consumo diário de mais de uma porção de frutas, verduras e legumes é tão estimulado e essa recomendação é tão recorrente que já se incorporou ao senso comum (SANTOS, 2008). Constitui-se num dos truísmos contemporâneos da relação entre os corpos, as práticas corporais e saúde; como exemplo dos outros, aqueles que exaltam a relação entre atividade física e saúde e que condenam a obesidade e o sedentarismo como causas de diminuição da qualidade (e também da quantidade) de vida.

Eugene, Isaac, Andreas – e também Leoniceno e Trithemius, que demonstraram preocupação com o consumo de frutas, legumes e verduras – estão capturados pelos discursos da alimentação saudável e já incorporaram certos cuidados à sua rotina alimentar. Mas não assumem o protagonismo na tomada dessa decisão, nem sequer limitam-se aos alimentos considerados saudáveis. Eugene, por exemplo, atribui à esposa e à necessidade de dar bons exemplos alimentares para os filhos a escolha do cardápio. Alberto diz que adquiriu o hábito de comer salada no período em que trabalhava no centro e sempre almoçava com duas colegas. Leoniceno cita a namorada como responsável pela sua “reeducação” alimentar:

Eu não gostava muito de comer fruta, não tinha o costume. Depois que eu comecei a namorar a Sabrina eu passei a comer mais salada, fruta. Agora eu sinto falta quando não como (Entrevista, 14 de janeiro de 2012).

Atribuir a preocupação com uma alimentação mais equilibrada e saudável às mulheres – esposa, amigas, namorada – parece ser uma estratégia que possibilita aos homens da Vila falar em cuidados nutricionais sem que sua masculinidade seja posta em cheque. Uma espécie de blindagem, um seguro contra as eventuais

desconfianças que possam despertar as preocupações com excessos de calorias, gorduras e frituras. Isso porque

em muitas culturas, a dieta masculina é marcada pelos alimentos densos em calorias e proteínas que simbolizam força, energia, masculinidade e poder – as carnes, por exemplo; enquanto a dieta feminina é marcada pela baixa caloria, que simboliza leveza e feminilidade – como as frutas e verduras (SANTOS, 2008, p.44).

Da mesma forma, assim como relatam seus cuidados com uma alimentação mais leve, os homens da Vila deixam claro que as comidas pesadas e as bebidas alcoólicas também fazem parte de suas rotinas alimentares. Francis, o mais jovem dos participantes da pesquisa, completou 18 anos em janeiro de 2012 e organizou uma festa para os amigos, o que incluiu quase todos os frequentadores da Academia. No cardápio, churrasco e cerveja. Perguntei para o Francis se ele não tinha medo de ficar bêbado na própria festa, já que, por ser menor de idade, seria a primeira vez que ele beberia. “Não tem problema, eu já sou acostumado”, disse ele, “já tomo cerveja desde os 15” (Diário de campo, 12/01/12). Cerveja também faz parte da rotina após o futebol semanal, como relata Eugene: “Depois do jogo [de futebol da turma da Academia, prática que será descrita na próxima seção], a cervejinha no bar é sagrada” (Entrevista, 11/01/12).

Fargeli & Wandel (1999), estudando as construções generificadas das práticas de alimentação saudável, apontam diferenças entre a forma como são percebidas as identidades masculinas e femininas: enquanto o masculino é percebido através do que come, o feminino é examinado a partir do que não come. Ao masculino é permitido ingerir alimentos sem restrições de qualidade ou de quantidade; a voracidade masculina é tolerada. Segundo as autoras, isso rompe a dicotomia clássica que aproxima mulher da natureza e homem da cultura, pois é das mulheres que se exige maior controle e disciplina, enquanto aos homens é permitida uma vivência “animalesca” dos apetites.

Na dinâmica de produção das diferentes configurações da experiência de ser homem, a masculinidade hegemônica é construída a partir da supressão tanto das características percebidas como femininas quanto daquelas associadas às masculinidades subordinadas e alternativas (CONNELL, 2000). Exercer uma

vigilância cerrada sobre a comida, submetendo-se à contagem de calorias e ao exame constante das variedades de alimentos que devem ser ingeridos não é um comportamento coerente com o que se espera dos homens da Vila e, atribuindo às mulheres que os rodeiam as decisões relativas ao consumo de alimentos mais leves e evidenciando o consumo daqueles considerados não tão saudáveis, os homens da Vila deixam claro que a construção do corpo hipertrofiado não é a principal preocupação de suas rotinas – pelo menos, não tão importante a ponto de abrirem mão dos prazeres da comida e da bebida.

3.4 NÃO PODE SER NA SERINGA, TEM QUE SER NO MUQUE

Como já foi dito anteriormente, a alimentação dos praticantes de musculação e fisiculturismo não é composta somente pela comida. Complementos e suplementos alimentares, bem como esteróides anabolizantes, hormônio do crescimento e outras substâncias que podem acelerar a construção hipertrofiada dos corpos também fazem parte do processo de aporte energético e nutricional.

Os complementos e suplementos alimentares são produtos que, como os próprios nomes indicam, destinam-se a complementar uma alimentação deficiente em nutrientes ou então suplementá-la, oferecendo ao organismo uma quantidade de macro e micronutrientes muito superior às necessidades diárias. São a face visível dos recursos ergogênicos, uma vez que tanto a sua publicidade quanto a comercialização são liberadas e são facilmente encontrados à venda em shoppings centers, lojas de produtos naturais, através de lojas virtuais na internet e nas próprias academias. Não é diferente na Academia da Vila, que oferece aos seus frequentadores a possibilidade de parcelar em até três vezes no cartão de crédito os suplementos que lá são vendidos.

A publicidade destes produtos é uma boa fonte de informação sobre os cuidados nutricionais necessários para se ter um corpo bonito, sua ação no organismo e as necessidades diárias de cada um. Manganês, zinco, selênio e potássio, para citar só alguns, são nomes que fazem parte do cotidiano dos/as consumidores/as de complementos e suplementos. Isaac, por exemplo, sabe qual é a função do potássio no organismo, mesmo que utilize uma fonte natural (bananas)

ao invés do suplemento artificial. A respeito da publicidade destes produtos, é interessante a forma como ela se vale de outros discursos para estimular o consumo dos complementos e suplementos e vai se adaptando conforme o público que pretende atingir: pode se valer de corpos hipertrofiados, como no caso do cartaz mostrado anteriormente; pode enfatizar um estilo de vida saudável, destacando as palavras “natural” e “verde” nas peças publicitárias; pode aderir a um discurso mais bairrista e apelar ao gauchismo, como é o caso da empresa que, para anunciar seus suplementos alimentares, destaca a informação de que são “produzidos no Rio Grande.”

Do outro lado, a face oculta ou menos evidente, pelo menos ao grande público, dos recursos extra-treino, aqueles cujo consumo é proibido ou então liberado somente sob prescrição médica. Os mais conhecidos são os esteróides anabolizantes, embora outras substâncias tenham sido (e continuam sendo) usadas para atingir os objetivos dos/as praticantes sem muito constrangimento. Mesmo sendo substâncias de uso proibido sem receita médica, elas podem ser compradas via internet em lojas virtuais estrangeiras, ou então contrabandeadas de diversas formas. São as “bombas”, nome genérico através do qual são chamadas substâncias como Deca-durabolin²¹, Durateston²², Winstrol²³, Hemogenin²⁴, Deposteron²⁵, Equipoise²⁶, Equifort²⁷ e Androgenol²⁸, as mais utilizadas no Brasil (SABINO, 2004). Desta designação de “bomba” é que surge o nome “bombados”, forma pela qual também são conhecidos os marombeiros, quer eles sejam ou não usuários destas substâncias.

Longe de causar algum constrangimento por ser ilegal ou ainda algum tipo de receio por causar diversos malefícios ao organismo, o uso das “bombas” tende a ser visto pelos fisiculturistas e praticantes de musculação como um sinal de abnegação em nome do corpo que se deseja ter. Renunciar a tudo, inclusive à própria vida,

²¹ Decanoato de Nandrolona.

²² Decanoato de Testosterona; Fenilpropionato de Testosterona; Isocaproato de Testosterona e Propionato de Testosterona.

²³ Stanozolol.

²⁴ Oximetolona.

²⁵ Cipionato de Testosterona.

²⁶ Undecilenato de Baldenona.

²⁷ Undecilenato de Baldenona para uso veterinário em eqüinos.

²⁸ Propionato de Testosterona.

como fica claro num depoimento recolhido por César Sabino numa academia do Rio de Janeiro:

De que adianta viver muito e ser um fracassado? Um infeliz que não pega mulher, não consegue ser respeitado, não consegue se olhar no espelho? É melhor viver pouco e feliz do que muito e desgraçado. Se o diabo aparecesse para mim e dissesse: 'cara, vou te dar tudo que você quiser, mas vou deixar você viver só mais dez anos' eu ia topar na hora! (idem, p.102-3).

Mas não basta falar sobre o uso das substâncias proibidas e perigosas, é preciso mostrar, tornar público o evento, dar provas concretas da aceitação de todos os perigos em nome dos prazeres que o uso pode acarretar. Assim, a aplicação das injeções é feita nos corredores ou nos vestiários das academias, às vistas e ouvidos de todos/as como parte de um ritual que identifica o praticante como pertencente ao seletivo grupo daqueles que colocaram como objetivo máximo da vida a produção de seus corpos (ibidem).

Na Academia da Vila, com exceção do Fausto e seu desejo reiterado inúmeras vezes de utilizar tais substâncias para transformar seu corpo, a utilização das “bombas” não faz parte dos interesses ou das práticas dos frequentadores. “Aqui ninguém usa”, diz o Nicolas, “pelo menos não dentro da Academia” (Entrevista, janeiro de 2012); Michel, um dos frequentadores mais antigos, também é taxativo em sua declaração: “aqui não entra droga [referindo-se aos anabolizantes]” (Diário de Campo, novembro de 2011). Hermes, o professor de Educação Física, também afirma desconhecer o uso de substâncias ilícitas por parte dos frequentadores da Academia:

- Você já viu alguém daqui tomando “bomba”?
- Cara, acho que aqui ninguém toma não. Tem um pessoal que às vezes faz perguntas, querem saber como funciona, se tem problemas.
- Perguntam porque você é professor de Educação Física?
- É, querem saber se eu já usei, se eu sei como funciona, se tem perigo mesmo. Eu digo que deixa broxa [rindo], nunca mais perguntam nada (Hermes, entrevista em 24/10/12).

De fato, durante todo o meu período de campo eu nunca presenciei, tampouco ouvi comentários entre os frequentadores a respeito, alguma conversa fato ou circunstância que pudesse evidenciar o uso de qualquer substância ilícita por

parte dos frequentadores da Academia. Mesmo que utilizassem os anabolizantes em outro ambiente, não percebi nenhuma alteração corporal significativa nos frequentadores; não houve ganho substancial de massa muscular em nenhum frequentador que pudesse ser percebido por mim, pelos demais frequentadores ou ainda através das fichas de individuais de acompanhamento que registravam o progresso de cada um através de medidas mensais dos pontos antropométricos preferenciais, bíceps e peitoral.

O que leva os homens da Vila a recusarem a utilização de um recurso que poderia potencializar seus esforços e reduzir o tempo para alcançar seus objetivos de hipertrofia muscular? Três parecem ser os fatores que concorrem para a não aceitação de drogas ilícitas dentro da Academia: um logístico e os outros dois éticos.

Em primeiro lugar, a questão do acesso. A única maneira de comprar anabolizantes de forma totalmente legal é com receita médica, porém as indicações para o uso são bastante específicas e limitadas à necessidade de recuperar massa muscular devido a acidentes, doenças degenerativas ou longos períodos de convalescença. Uma segunda possibilidade de adquirir as “bombas” é comprar em lojas virtuais, principalmente aquelas localizadas nos Estados Unidos, o que exige cartões de créditos internacionais e tem um custo elevado, o que compromete bastante o acesso por parte dos frequentadores da Vila. A terceira possibilidade, o contrabando, provavelmente seja a mais “acessível” das três, porém existe a necessidade de fazer contato com os contrabandistas para obter os produtos e durante os seis meses de campo eu nunca ouvi comentários sobre a existência de tal figura dentro da Academia ou então relato de algum dos frequentadores que indicasse conhecer alguém capaz de contrabandear anabolizantes para a Vila.

Um segundo fator, já dentro de um aspecto ético, está ligado às convicções do Nicolas sobre a forma como uma academia deve funcionar. Para ele, a questão de um bom ambiente e da boa convivência entre os frequentadores é fundamental e em várias oportunidades ele externou para mim pessoalmente, que gosta de manter um clima “familiar” na Academia. Por “familiar” entendo tanto a relação de amizade fraterna entre todos os frequentadores quanto à necessidade de compartilhar bons exemplos e o uso de substâncias ilícitas não corresponde à imagem que ele tanto preza para a Academia. Acredito que tais preocupações guardem uma relação

estreita com a arte marcial da qual ele é mestre e professor há tantos anos, de onde ele extraiu esse código moral que procura aplicar mesmo aos que utilizam a Academia somente para a musculação.

Estes dois fatores por si só não poderiam ser considerados motivos suficientes para a recusa ao uso de esteróides anabolizantes ou outras drogas ilícitas na Academia. De fato, resolvido o problema do acesso, a relação custo-benefício das “bombas” tornaria o processo de hipertrofia muscular muito mais acessível: enquanto os gastos com alimentação balanceada e suplementação não saem por menos de 200 reais por mês, uma ampola de Deca-durabolin custa menos de dez reais. O baixo custo dos anabolizantes em relação aos demais recursos foi o motivo apontado por Iriart, Chaves e Orleans (2009) para que os frequentadores de academias em Salvador preferissem as “bombas” ao uso de suplementos alimentares, mesmo conhecendo os efeitos colaterais resultantes desta prática.

A justificativa do Nicolas também poderia ser refutada se pensarmos que ele lucra com a venda de suplementos alimentares na Academia e que o uso generalizado de drogas ilícitas por parte dos frequentadores, drogas essas que ele não pode vender, diminuiria consideravelmente seus rendimentos. Desta forma, sua preocupação com o “ambiente familiar” poderia ser vista como uma justificativa para, coibindo o uso de anabolizantes, estimular o consumo dos produtos que ele vende²⁹.

Um terceiro fator, também ligado à ética e do meu ponto de vista contundente, é a questão do esforço e do merecimento. Como fica evidente numa das falas do Michel:

Se quiser ficar forte, tem que suar, não tem nada de graça não, tem que vir todos os dias, puxar muito ferro, levantar muito peso. Não pode ser na seringa, tem que ser no muque. [...] Esses guri querem vir um mês dois e ficar grandão, assim não tá certo. É pra toda vida, tem que vir sempre [...] Como um vício (Diário de Campo, setembro de 2011).

Michel expressa, desta forma, aquele que acredito ser o motivo principal pelo qual os frequentadores da Academia não se valem das drogas ilícitas para aumentar suas massas musculares: o merecimento. Recusar os recursos que tornariam a

²⁹ Gostaria de deixar claro que este é apenas um exercício para questionar a fala do Nicolas e que não expressa, de forma alguma, minha opinião a respeito da sinceridade de suas convicções a respeito da importância de um bom ambiente na Academia.

tarefa mais fácil não tem nada a ver com questões legais, não está ligado ao fato das “bombas” serem proibidas ou terem seu uso restrito às prescrições médicas. A questão aqui é de outra ordem, está em outra esfera de valores; tem a ver com tempo, persistência, disciplina, honra. O que os frequentadores evitam não é a associação com atos ilegais e sim com procedimentos antiéticos; a grande questão não é usar recursos, lícitos ou não, para atingir o objetivo de moldar seus corpos de acordo com os objetivos de cada um; o que se condena e interdita são os procedimentos que, acelerando demais o processo, fazem com que este objetivo seja atingido num período muito curto de tempo. Na escala de valores dos homens que frequentam a Academia, ter o corpo mais forte, músculos maiores e mais definidos não vale muito se esse corpo não for construído através do esforço e do merecimento de cada um. É preciso ter disciplina e persistência, mostrar esforço para merecer atingir os resultados. É nisso que reside a honra.

3.5 A VIDA COMEÇA AOS 40... CENTÍMETROS DE BRAÇO

A vida começa aos 40 é uma expressão usada com o intuito de diminuir qualquer carga negativa que possa existir com a chegada à quinta década da vida. A jornalista Eliane Brum fez uma pesquisa sobre os significados que esta frase poderia ter e, embora considerando-a simpática e bem intencionada e que talvez tenha sido até revolucionária numa certa época – afinal, a própria expressão “a vida começa aos 40” pode já ter atingido os 40 anos -, hoje a expressão não mais traduz sua intenção original. Durante boa parte do século XX, quando a expectativa de vida não era das maiores, a marca dos 40 anos poderia significar uma estabilidade profissional, financeira e emocional que a casa dos 20 e dos 30 não ofereceria. Filhos crescidos, mais tempo para o lazer e menos preocupações: chegar aos 40 anos significaria atingir a idade em que se começa uma “vida de verdade”, como se a vida que se viveu anteriormente fosse uma vida menor, um tempo perdido, um pedágio que se paga para, ao chegar aos 40, poder viver a “vida de verdade” (BRUM, 2012).

Com o acréscimo de “centímetros de braço”, da forma como foi empregada por um dos colaboradores da pesquisa de Ligia Santos (2008) nas academias de Salvador, a expressão também marca um recomeço ou uma nova fase da vida, aquela que corresponde ao domínio quase que absoluto do próprio corpo e de suas possibilidades de produção.

Uma ressalva deve ser feita aqui: ao adaptar uma expressão já existente, o autor da frase que dá título a esta seção fixa um limite e define um objetivo aonde quer chegar, o que, em se tratando da construção dos corpos na contemporaneidade, nem sempre é aplicável. Os corpos biopoliticamente controlados nunca estão prontos, o limite nunca é atingido; o que há é uma vontade de poder mais, de chegar mais longe, indefinidamente. Aqui o número 40, referindo-se à circunferência do braço deve ser entendido como “a vida começa quando se está grande”, quando se atinge um tamanho que é sempre definido de forma absolutamente qualitativa, pela apreciação e pelo julgamento próprio ou dos outros, jamais pela quantidade expressa pelas medidas.

Como na expressão original “a vida começa aos 40”, dizer que a vida começa aos 40 centímetros de braço também marca uma divisão: o que conta é o que vem depois de atingir esse patamar de hipertrofia, essa é a vida de verdade; o que veio antes, a preparação, não conta como vivido, não tem significado, não tem prazer, não é vida. E, em nome de tentativa de “chegar aos 40”, vale à pena fazer qualquer sacrifício, abrir mão de todos os outros prazeres e organizar a vida cotidiana em torno da tríade treino-alimentação-reposo.

O descanso, parte fundamental dos processos de hipertrofia, compreende o intervalo entre os sets ou as séries, a alternância entre os grupos musculares no decorrer da semana e o sono. Entre os mais dedicados à construção hipertrofiada do próprio corpo, o descanso significa também o afastamento de tantas práticas corporais quanto for possível, incluindo, em alguns casos, a atividade sexual.

No campo esportivo, principalmente em esportes considerados mais “masculinos” como o futebol (SOUZA, 1996) e o rúgbi (SAOUTER, 2003), existe uma tradição que correlaciona o desgaste provocado pela atividade sexual a um desempenho menos eficiente em campo. Trata-se de um entendimento de que a atividade sexual masculina ao contrário da participação feminina, geraria um

desgaste, um desperdício de energia que comprometeria a participação nas partidas decisivas. Essa lógica da abstinência sexual como estratégia de preservação da energia para os momentos mais importantes funciona bem quando há uma definição temporal bem específica: a partida final, a estréia no campeonato, a competição mais importante, coisa que só acontecia nos “antigos esportes”:

O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. Por toda a parte o surf já substituiu os antigos esportes (DELEUZE, 1992, p.221).

E não somente os esportes, posto que novas práticas corporais – se não novas na existência, novas nos sentidos e significados que lhes são atribuídas – tem substituído também os antigos esportes. Abandono da estratégia de preservação de energia através da abstinência sexual? Não exatamente; uma resignificação desta prática é que se percebe nos espaços de construção dos corpos masculinos hipertrofiados. Como não existe uma data específica para a qual se preservar, a abstinência episódica perde sua utilidade, pois o treinamento é diário e a necessidade de preservação de energia é constante, também a abstinência das atividades sexuais deve se impor em períodos mais longos. Sabino (2004), relata um desinteresse pela prática sexual entre os colaboradores de sua pesquisa, que preferem o celibato a deixar de ir à academia. Brian, um dos colaboradores de Chaves (2010), atribui um esgotamento físico que o fez “perder corpo” devido ao excesso de relações sexuais que manteve no período. Na Academia da Vila, quando Fausto diz para Morgana que não tem problema ficar impotente desde que consiga atingir o seu objetivo de chegar aos 120 kg, é também um exemplo da possibilidade de abandono da prática sexual em nome da produção do corpo.

A associação entre o consumo de substâncias anabolizantes e a impotência sexual masculina é corrente na mídia, seja nas revistas especializadas em musculação e fisiculturismo ou nos jornais, revistas e sites para o público em geral, tão comum que é possível afirmar que ambas estão coladas no imaginário social: anabolizantes causam impotência. Um estudo realizado por Zélia Maria Vieira Rotta, Rafaela Liberali Fiamoncini e Rodrigo da Silva (2004) com estudantes de ensino médio em Florianópolis, Santa Catarina, mostrou que 85% deles/as são capazes de

identificar pelo menos cinco efeitos colaterais resultantes do uso de anabolizantes, sendo a impotência o primeiro e o mais citado entre todos. Jorge Alberto Bernstein Iriart e Tarcísio Matos de Andrade (2002), estudando os fisiculturistas de uma academia de Salvador, Bahia, perceberam que, embora não fossem suficientemente bem informados para especificar a forma como os esteróides anabolizantes funcionam e nem mesmo todos os efeitos colaterais que eles produzem, eram perfeitamente capazes de citar a diminuição do desejo sexual como um deles:

Muitos informantes fizeram referência às alterações no desempenho sexual e redução do volume de esperma provocado pelo uso dos anabolizantes. Esses sintomas, porém, são tratados com aparente naturalidade e não levam à interrupção do uso das substâncias (IRIART e ANDRADE, 2002, p.1384).

Ao optarem pela utilização de esteróides anabolizantes de forma contínua, mesmo sabendo as consequências e os efeitos colaterais desta prática, os marombeiros demonstram tanto interesse no crescimento dos próprios músculos a ponto de abrirem mão de outros prazeres, relações sexuais entre eles. Também é possível pensar que a aplicação dos anabolizantes pode cumprir um papel de justificativa para a abstinência sexual, e por este motivo aqueles que os utilizam procuram fazer as aplicações de forma bastante explícita, deixando bem claro para todos/as os/as frequentadores/as da academia que estão utilizando uma droga potencialmente inibidora do apetite sexual. Mais do que seu efeito fisiológico, os esteróides anabolizantes poderiam servir como desculpa para a ausência de atividade sexual, permitindo que os marombeiros concentrem toda sua energia na hipertrofia muscular, sem desperdiçá-la com outras práticas.

Essa conduta não encontra eco entre os frequentadores da Academia da Vila. Embora as conversas sobre práticas sexuais não sejam frequentes, em algumas oportunidades foi possível registrar os comentários sobre as festas que eles participavam aos finais de semana. Essas conversas somente aconteciam na ausência do Nicolas, pois ele preza muito pela manutenção de um ambiente “familiar”, e eu acredito que essa iniciativa esteja ligada à intenção dele de aumentar a frequência feminina à Academia, coisa que ele tentou durante todo o período da

pesquisa de campo³⁰. Falar de mulheres em termos considerados ofensivos, como “gostosa”, por exemplo, era proibido.

Por outro lado, a paquera acontecia a todo momento. Não dentro da academia, pois os esforços do Nicolas não surtiram muito efeito nem mesmo no período do verão e as mulheres da Vila não adotaram a musculação como hábito, mas na calçada em frente. Roger, por exemplo, dificilmente completava uma sessão de treino sem sair várias vezes da academia para conversar com as meninas que passavam às portas da Academia e o Francis era um dos mais requisitados pelas meninas, que o chamavam através do celular e esperavam que ele saísse para conversarem na calçada. Na Academia da Vila, como demonstram as paqueras e as conversas sobre as atividades sexuais no final de semana, as preocupações envolvendo a economia de energia para o próximo treino, ou então o descanso necessário à regeneração muscular, não compunham o conjunto de interesses destes praticantes e nem chegavam a comprometer as interações sociais.

De forma semelhante, os frequentadores da Academia não se preservam do gasto energético em outras práticas corporais que não seja a musculação. Hermes é praticante de capoeira há muitos anos e não pensa em desistir da prática para hipertrofiar sua musculatura. Alberto joga futebol com os amigos pelo menos duas vezes por semana, um grupo que se formou ainda no tempo da escola. Eugene desistiu de jogar com os amigos por falta de tempo, mas disse que gostaria de começar a jogar com o pessoal da Academia.

O grupo de futsal da Academia começou a jogar nas sextas-feiras à noite em janeiro de 2012. Foi uma iniciativa do Nicolas para integrar os frequentadores tanto da musculação quanto da arte marcial e ele falou sobre a importância deste convívio entre os membros da Academia durante a última entrevista:

Mas essa minha preocupação, ela surgiu de uma certa academia que eu dei aula durante sete anos e eu tinha um contato muito família. Era um clima bom, que as pessoas iam malhar às vezes até mesmo cansadas, mas então por aquela situação do sistema de amigos. Então a nossa academia é uma academia mais simples, mais humilde, então procurei juntar essa coisa da família, da união. (Entrevista, 19 de janeiro de 2012)

³⁰ Em setembro de 2011 a Academia ofereceu um desconto progressivo para mulheres que fizessem sua matrícula e optassem por um plano semestral. Assim, duas novas alunas teriam um desconto de 20%, três alunas ganhariam 30% de abatimento na mensalidade e assim sucessivamente até grupos de cinco mulheres.

Como é aberto a todos os frequentadores, o grupo formado não reúne apenas os marombeiros e sim todos os membros da Academia. É uma atividade tipicamente de lazer, que envolve tanto o jogo quanto as interações sociais posteriores à partida, como a ida ao boteco para tomar cerveja ou um eventual churrasco na casa de algum deles. Também é uma atividade exclusivamente masculina, sem a presença das mulheres, com a única exceção para aqueles dias em que é organizado o churrasco e as mulheres também participam. Por ser aberto aos não-praticantes da musculação, o jogo da sexta-feira não se constitui numa atividade criadora de um *ethos* dos praticantes de musculação, como são as saídas em pequenos grupos de marombeiros com o objetivo de provocar brigas descritas por Sabino (2004). O futebol aqui tem uma função de reunir os amigos para se divertir, contrariando inclusive a idéia amplamente divulgada entre os fisiculturistas e marombeiros de que as atividades que envolvem corrida podem “queimar” os músculos, comprometendo os esforços realizados na academia. Assim, futebol, corrida, ciclismo e outras atividades semelhantes são amplamente condenadas nas revistas, nos sites e fóruns especializados elaborados para e pelos marombeiros.

3.6 O QUE SE FAZ E NÃO SE DIZ

Falar do que se faz, mas não se diz, pode dar a falsa impressão de que estou em busca de uma verdade escondida, uma prática que não se traduz em fala, atos que não chegam às palavras. Fernando Seffner (2003) estudou o processo de construção das representações da masculinidade bissexual e já na apresentação de sua tese encontro inspiração para analisar as práticas que os frequentadores da Academia adotam, porém delas não falam: meu objetivo não é saber se fazem ou não, não é questionar se as falas estão de acordo com os atos ou não. O que me move é saber as razões pelas quais as práticas não podem ser nomeadas, ou, em outras palavras, não estou interessado se fazem ou não: meu interesse é compreender porque não dizem que fazem.

A produção dos corpos hipertrofiados requer a adoção de uma série de cuidados. Entre os frequentadores da Academia da Vila, alguns desses cuidados

são adotados sem maiores problemas, enquanto outros geram certo desconforto. Como exemplo de cuidado não problemático é possível citar a ida diária à Academia para produzir um corpo conforme aos padrões contemporâneos: não há maiores problemas com esse hábito nem com os objetivos a ele associados; alguns cuidados não são incorporados tão facilmente e são necessárias algumas manobras para torná-los aceitáveis, como é o caso da alimentação. Já outros, pela proximidade com o universo feminino, são praticamente interditados aos moradores da Vila. A depilação é o melhor exemplo destes últimos.

Embora não se possa afirmar categoricamente que a depilação seja uma prática nova entre os homens, sua disseminação ou pelo menos a sua publicidade através de revistas, jornais, sites e outros veículos tem sido muito mais intensa nos últimos anos e, mesmo assim, ainda não é uma prática aceita sem problemas. É preciso criar estratégias discursivas para justificar sua adoção, como aponta a antropóloga carioca Ludmila Fernandes de Freitas (2009) num estudo que contou com a colaboração de clientes homens de duas clínicas de depilação no Rio de Janeiro. As justificativas vão desde atender a um pedido da esposa até a necessidade de fazer a depilação em função do trabalho, conforme um professor de artes marciais e envolvem também uma diferenciação em função da região corporal a ser depilada: a parte superior do corpo para homens (costas, peito, abdômen, braços), todo o corpo ou apenas a região inferior (pernas e genitais) para mulheres e homens homossexuais.

Na Vila, entre os frequentadores da Academia, falar de depilação é um tabu. Nas entrevistas, sempre que questionei os meus colaboradores a respeito desta prática, a resposta sempre foi igual: não faço. Nem mesmo o Fausto - que diverge frontalmente dos demais em tantas outras questões sem maiores problemas para assumir suas posições - sente-se à vontade para falar abertamente desta prática. Durante uma das nossas conversas, toquei no assunto e ele desconversou, dizendo que tinha sorte por não ter muitos pelos no corpo e, na última entrevista que me concedeu antes de deixar a academia ele disse ter feito uma vez, só para ver como ficaria, sem explicitar quais as partes do corpo em que o procedimento foi feito. Convivendo com os frequentadores é possível perceber que alguns são adeptos da depilação no peito e no abdômen, embora nenhum deles confirme abertamente. Nicolas, quando eu pergunto sobre quem, na opinião dele, faz uso deste

procedimento, diz que não sabe porque ninguém fala sobre isso, mas acredita que muitos devem se depilar e não falam por medo de serem “zoados” pelos demais (Diário de campo, 26 de janeiro de 2012).

Pelo que pude perceber a extração dos pelos corporais como forma de expor de forma mais evidente a musculatura hipertrofiada não é uma prática bem vista entre os frequentadores da Academia. Mal vista e não falada, pois mesmo questionados de forma direta durante as entrevistas os homens da Vila desviaram da questão com evasivas ou negativas tímidas e isso parece demonstrar que a depilação é um cuidado exagerado, uma vaidade excessiva, uma proximidade não aceitável com o que não é masculino. Os pelos corporais são signos de virilidade e abrir mão deles de forma intencional - mesmo que para evidenciar um símbolo de hipervirilidade que é a musculatura hipertrofiada do tronco e dos braços – é um indício inaceitável de desvirilização. O fio do bigode não é mais um sinônimo de compromisso assumido³¹, mas os pelos do corpo masculino foram sinônimo de honra e virilidade (FRAGA, 2000) por tempo demasiado longo para ser facilmente abandonado com a disseminação de novas demandas em relação ao corpo masculino. O pelo resiste às pinças, lâminas e *lasers*, e, na Vila, ainda conta uma história de masculinidade.

³¹ A origem etimológica da própria palavra bigode é controversa. Uma das explicações mais aceitas é relatada por Gabriel Perissé (2010) e diz que a palavra se originou da expressão germânica “*bi Gott*” (“por Deus”) que era pronunciada nos juramentos, ou seja, na própria prática de entregar um fio dos pelos do rosto como forma de garantir o cumprimento do acordo estaria a origem da palavra que passou a designar estes fios

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Finda o tempo do curso de mestrado e chega o momento de colocar um ponto final na dissertação. Um rápido balanço aponta que a trajetória trilhada ultrapassou o mero compromisso acadêmico, tornou-se um compromisso pessoal. Entrei no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano levado por inquietações pessoais que aos poucos foram se transformando em um projeto de investigação. Uma curiosidade de quem percebia modificações nas formas como os homens se relacionam com seus corpos (algumas das quais olhava com grande estranheza), que se converteu em questões de pesquisa que me propus responder por meio de um trabalho acadêmico *stricto sensu*. No decurso desse processo de mutação me deparei com uma parte da cidade de Porto Alegre que eu ainda não conhecia e com algumas formas de gestar a vida que até a minha chegada eram inusitadas para mim. Fui com as minhas teorias, meu gravador e meu caderno de notas, fiz meu rito de passagem até a cultura que eu pretendia investigar (SILVA, 2000) e saio com um relato de uma dessas formas de produzir a própria vida.

Nessa Academia em que empreendi meu estudo, um grupo de homens encontrou uma forma peculiar de se inserir no universo das técnicas de produção dos corpos mais difundidas nestes primeiros anos do século XXI, incorporando a musculação e outras práticas no seu cotidiano. Algumas foram acrescentadas sem maiores problemas, outras foram reestruturadas para que se tornassem compatíveis com os valores que são importantes para o grupo e outras foram repelidas.

A musculação é uma prática privilegiada para o governo dos corpos na contemporaneidade e corrobora uma construção de masculinidade que percebe a força como uma prova de virilidade que a torna não-problemática para a construção do gênero. Assim, comparecer à Academia todos os dias, e exercitar os corpos a fim de aproximá-los de um dado padrão estético, não compromete o entendimento dos sujeitos como masculinos porque é uma prática que agrega características desejáveis à masculinidade hegemônica, uma prática virilizante.

Outras práticas que a literatura associa à musculação representam um perigo de tornar menos másculo o corpo que as adota e estas são incorporadas mediante processos de “blindagem” da virilidade, como acontece na relação dos homens da Vila com a alimentação: embora muitos deles procurem seguir uma alimentação

regrada, as preocupações com as quantidades e com o tipo de alimentos consumidos é atribuída às mulheres com quem eles convivem. Além disso, as dietas não são demasiadamente rígidas, permeáveis que são à boa comida e às bebidas alcoólicas.

Numa terceira categoria de práticas estão inseridas aquelas das quais os frequentadores da Academia se afastam e é justamente isso que os torna singulares. O rechaço peremptório ao uso de anabolizantes para acelerar o processo de construção dos corpos hipertrofiados, que a literatura descreve como uma atividade comum nas academias de musculação, é compreendida como desonrosa pelo grupo estudado. É importante ser forte, mas a força muscular não basta: é preciso demonstrar força de caráter, persistência e disciplina para atingir este objetivo, posto que o mérito não está apenas no produto final e sim em todo o processo para chegar lá.

No âmbito das academias de musculação onde a hipertrofia muscular é o imperativo categórico, todos os usos do corpo devem estar voltados para este fim. Outras práticas corporais tendem a ser vistas como prejudiciais ao treinamento e ao repouso, um desperdício inútil de energia que concorre com o propósito basilar traçado para estes corpos. Não abrir mão de práticas como o futebol aos finais de semana, por exemplo, revela o que escapa à imposição de limites de um dado governo dos corpos e, mais especificamente, ao palavreado marombeiro da dedicação exclusiva ao treinamento para hipertrofia muscular, os alquimistas da Vila resistem gestando outras formas de viver a corporeidade. A exposição tímida dos corpos que as roupas acobertam e a interdição à depilação, sobre a qual os frequentadores da Academia sequer gostam de falar, contrariam abertamente os significados atribuídos à exibição da musculatura hipertrofiada que a literatura sobre os praticantes de musculação tanto ressalta.

Forjar os músculos para exibi-los sob a pele lisa e esticada que as roupas deixam à mostra não é o desejo que impele os homens daquela localidade. Ir para aquela Academia tem outros significados, o movimento é outro: tem a ver com convivência, com vínculos de amizade e de camaradagem. É uma forja onde, mais do que os músculos, é tecida a rede de sociabilidade da Vila.

Finalizando, essas particularidades que a musculação assume na Vila servem para apontar outros caminhos de pesquisa e a compreensão dos papéis que as práticas corporais podem assumir na contemporaneidade. Em nenhum momento do meu trabalho de campo algum dos frequentadores mencionou qualquer tipo de preocupação com a saúde para justificar a opção pela musculação. Os "alquimistas de fé" não respondem aos apelos em favor de um estilo de vida saudável, contudo, suas práticas não são menos saudáveis do que outras tantas proclamadas como tal. No momento em que academias públicas tornam-se cada vez mais abundantes nos parques e praças das cidades brasileiras, as formas singulares pelas quais os frequentadores da Academia da Vila incluem a musculação nos seus cotidianos podem apontar novos caminhos para o entendimento das relações de homens e mulheres com as práticas corporais, com a saúde e com os usos do corpo.

Uma das características da descrição etnográfica é tentar salvar um dado discurso social da possibilidade de se extinguir, fixando-o em formas pesquisáveis que podem ser consultadas posteriormente (GEERTZ, 2011). Na primeira leitura, essa referência à possibilidade de extinção de um determinado discurso me parecia aplicável somente a povos longínquos, formas de produção da vida que a globalização dos costumes gradativamente suplantaria. Ainda não se passaram seis meses desde a minha última visita à Academia da Vila e, no momento em que escrevo essas considerações finais, a paisagem urbana de Porto Alegre começa a passar por transformações que provavelmente chegarão ao bairro. Talvez o impacto dessas modificações atinja somente a circulação de veículos e pedestres, mude o traçado de algumas ruas e avenidas e provoque algumas transformações nas construções que existem hoje. De qualquer forma, o mais provável é que a Academia não funcione mais no mesmo local ou que o seu funcionamento seja alterado em função de uma reordenação do espaço da Vila. Se isso vai extinguir definitivamente ou apenas provocar mudanças pouco significativas no discurso social dos homens que lá se exercitam/exercitavam ainda é muito cedo para afirmar. O que posso dizer com certo grau de segurança é que naquela Vila, dentro daquela Academia e num determinado momento, um grupo de homens produziu formas singulares de viver e experimentar seus corpos, suas dores e seus prazeres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ALMEIDA, Alexandre do Nascimento. **A construção de masculinidades na fala-em-interação em cenários escolares.** 2009. 290 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade, poder:** revendo um caso ao sul de Portugal. Disponível em: <<http://site.miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/genero-masculinidade-e-poder.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Representações de masculinidades na dança contemporânea.** 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ARENT, Marion; CARRARA, Sérgio. Gênero, sexualidade, corpo e trabalho: etnografia em um clube de mulheres. **Psico**, Porto Alegre, v. 38, n. 3, p.254-261, set. 2007. Trimestral.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **"Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração":** currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens. **Bagoas**, Natal, v. 2, n. 3, p.75-96, jul. 2008. Semestral.

BRUM, Eliane. Não, a vida não começa aos 40: quando o marketing publicitário vira filosofia da vida cotidiana. **Época**, São Paulo, n. 888, p.129-130, 12 mar. 2012. Semanal.

CHAVES, José Carlos Oliveira. **Corpo sarado, corpo saudável:** construção da masculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador.

2010. 184 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CONNELL, Robert Willian. **The men and the boys**. 1ª ed. Maryborough: Australian Print Group, 2000. 259 p.

_____. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.185-206, jul. 1995. Semestral.

DANTAS, Eduardo Ribeiro. **A produção biopolítica do corpo saudável: mídia e subjetividade na cultura do excesso e da moderação**. 2007. 208 f. Tese (Doutorado) - Doutorado em Educação, Departamento de Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972 - 1990**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992. p. 219-226.

FARGELI, R.a.; WANDEL, M.. Gender differences and practices with regard to a "healthy diet". **Appetite**. n. 32, p.171-190, jun. 1999.

FARIA, Eliene Lopes. Jogo de corpo, corpo de jogo: futebol e masculinidade. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 18, p.65-86, 2009. Quadrimestral.

FELDMAN, Ilana. **Reality show: um dispositivo biopolítico**. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/cep/ilana_feldman.htm>. Acesso em: 18 nov. 2009.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2004. 245 p.

_____. A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena;

CARRARA, Sérgio. **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 257-282.

_____. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 10, p.58-78, jan. 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 239 p.

_____. **Do governo dos vivos - excertos**. Rio de Janeiro: Achiamè, 2010.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 152 p.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 288 p.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação**: governo dos corpos no mercado da vida ativa. 1ª ed. Campinas: Autores Associados, 2006. 185 p.

_____. Anatomias de consumo: investimentos na musculatura masculina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p.135-150, jul. 2000. Semestral.

_____. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e História**. 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 61-78.

GARCIA, Wilton. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. **Mneme**: Revista de Humanidades, Caicó, v. 5, n. 11, p.198-213, jul. 2004. Semestral.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. 1.reimpr. Rio de Janeiro: Ltc, 2011. 323 p.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Pesquisa qualitativa na Educação Física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá**, Maringá, v. 21, n. 3, p.381-410, jul. 2010. Trimestral.

GOLDENBERG, Mirian. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p.65-80, 2005. Semestral. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 abr. 2011.

GOMES, Ivan Marcelo. **Conselheiros modernos**: propostas para a educação do indivíduo saudável. 2008. 221 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

IRIART, Jorge Alberto Bernstein; ANDRADE, Tarcísio Matos de. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 5, p.1379-1387, 2002.

IRIART, José Alberto Bernstein; CHAVES, José Carlos Oliveira; ORLEANS, Roberto Ghignone de. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p.773-782, abr. 2009.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subordinadas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p.103-117, out. 1998. Semestral.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Antropologia e Educação Física. In: CARVALHO, Yara Maria; RUBIO, Katia. **Educação física e ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 17-26.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (h)alteres-egos: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79-138.

MEYER, Dagmar Estermann. As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado?. **Educação & Realidade**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p.117-134, jul. 2000. Semestral.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed São Paulo: Hucitec-abrasco, 1993. 269 p.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Guerras, trânsitos e apropriações: políticas de prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre**. 2010. 385 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Ufmg; Iuperj, 2004. 347 p.

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese: ou do corpo submetido à submissão ao corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. 2.ed Rio de Janeiro: Dp&a, 2005. p. 139-173.

_____. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.59-77, 2003.

PACHECO, Luís Orestes. **Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade**. 2003. 59 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PAES, Sueli Rodrigues. Conhecimento nutricional dos praticantes de musculação da secretaria de Estado de esporte do Distrito Federal. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo, v. 32, n. 6, p.105-111, mar. 2012. Bimestral.

ROTTA, Zélia Maria Vieira; FIAMONCINI, Rafaela Liberali; SILVA, Rodrigo da. O conhecimento dos estudantes do ensino médio sobre os esteróides anabolizantes andrógenos. **Lecturas: Educación Física y deportes**, Buenos Aires, v. 72, p.1-2, 2004. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=854408>>. Acesso em: 19 mar. 2012.

SÁ, Guilherme José da Silva e. "Meus macacos são vocês": um antropólogo seguindo primatólogos em campo. **Anthropológicas**, Recife, v. 2, n. 16, p.41-66, 2005. Semestral.

SABINO, Cesar. **O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas**. 2004. 366 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. Anabolizantes: drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 139-188.

SANTOS, Éderson Costa Dos. **Um jeito masculino de dançar: pensando a produção de masculinidades de dançarinos de hip-hop**. 2009. 124 f. Dissertação

(Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTOS, Ligia Amparo da Silva. **O corpo, o comer e a comida:** um estudo sobre as práticas corporais alimentares cotidianas a partir da cidade de Salvador - Bahia. Salvador: Edufba, 2008. 330 p.

SANTOS, Rafael José Dos. **Antropologia para quem não vai ser antropólogo.** 1 ed. 2.reimpr. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2010. 77 p.

SAOUTER, Anne. A mamãe e a prostituta: os homens, as mulheres e o rugby. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p.37-52, maio 2003. Quadrimestral.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade:** representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. 2003. 260 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação., Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SIBÍLIA, Paula. **O homem pós-orgânico:** corpo, subjetividade e tecnologias digitais. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 2002. 228 p.

_____. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SILVA, Caroline da. Sacrifícios e recompensas: as agruras e os louros de quem se dedica sem medida à vida acadêmica. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, p. 8-9. mar. 2011.

SILVA, Marcelo Moraes e. **Entre a ilha deserta e o arquipélago:** mapeamentos e cartografias das percepções de professores (as) sobre as masculinidades produzidas nas aulas de Educação Física. 2008. 216 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Departamento de Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 1.ed Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 154 p.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. 1 ed. 1.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 194 p.

SOARES, Carmen Lucia; FRAGA, Alex Branco. Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. **Pró-posições**, Campinas, v. 14, n. 41, p.77-90, 2003.

_____. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998. 145 p.

_____. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). 2010. 171 f. Tese (Livre Docência) - Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2010.

SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 7, n. 6, p.109-152, 1996.

VIGARELLO, George. **O limpo e o sujo**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 227 p.

VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, Alain. **História do corpo**: da Revolução à Grande Guerra. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 393-478.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. 1 ed. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 2002. 293 p.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades disponíveis.com**: sobre como dizer-se homem gay na internet. 2009. 227 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

_____. **Os meninos**: armários de vidro e corpos sem cabeça na e além da sociabilidade entre homens gays na internet. 2011. 141 f. Projeto de Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ANEXOS



TERMO VERBAL DE CONSENTIMENTO

[Gravando] Eu vou entrevistar o _____ para a minha pesquisa sobre os praticantes de musculação na Academia da Vila. Esta é uma entrevista totalmente voluntária e você não é obrigado a responder as perguntas que não quiser. Você também pode mudar de idéia a qualquer momento e pedir para interromper a gravação. Depois de gravada, a entrevista será transcrita e você poderá dizer se concorda ou não com o que está escrito.

Se você concorda com tudo que foi dito, por favor diga o seu nome completo.